COLEÇÃO
PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO
[MEMÓRIAS BRASILEIRAS – BIOGRAFIAS]

YNAÊ LOPES DOS SANTOS

JULIANO MOREIRA

UM MÉDICO NEGRO NA FUNDAÇÃO DA PSIQUIATRIA BRASILEIRA

CAPES
Eduff

Universidade Federal Fluminense

REITOR
Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR
Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense

Gestão 2018-2020

CONSELHO EDITORIAL
Renato Franco [Diretor]
Ana Paula Mendes de Miranda
Celso José da Costa
Gladys Viviana Gelado
Johannes Kretschmer
Leonardo Marques
Luciano Dias Losekann
Luiz Mors Cabral
Marco Antônio Roxo da Silva
Marco Moriconi
Marco Otávio Bezerra
Ronaldo Gismondi
Silvia Patuzzi
Vágner Camilo Alves

Juliano Moreira

Copyright © 2020 Ynaê Lopes dos Santos

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Editor responsável: Renato Franco

Coordenador de produção: Ricardo Borges

Copidesque e revisão: Icléia Freixinho

Normalização: Camilla Almeida

Capa: Marcio Oliveira

Projeto gráfico e diagramação: Marcio Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - CIP

S237 Santos, Ynaê Lopes dos.

Juliano Moreira : o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira [livro eletrônico] / Ynaê Lopes dos Santos. – Niterói : Eduff, 2020. – 2,3Mb ; PDF – (Coleção Personagens do pós-abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 3)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5831-016-7

BISAC BIO002010 BIOGRAPHY & AUTOBIOGRAPHY / Cultural, Ethnic & Regional / African American & Black

1. Brasil – Pós-Abolição. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Moreira, Juliano, 1873-1933. 4. Biografia. I. Título. II. Série.

CDD 926.1

Ficha catalográfica elaborada por Márcia Cristina dos Santos (CRB7-4700)

Direitos desta edição reservados à
Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense
Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ
CEP 24220-008 - Brasil
Tel.: +55 21 2629-5287
www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Impresso no Brasil, 2020.
Foi feito o depósito legal.

Coleção
Personagens do Pós-Abolição
Memórias brasileiras – biografias

Ynaê Lopes dos Santos

Juliano Moreira

Um médico negro na fundação da Psiquiatria brasileira

CAPES
Eduff

Sumário

A Coleção Personagens do Pós-Abolição | 9

Carta a Juliano Moreira | 11

Bondade e genialidade de Juliano Moreira | 15

A formação do jovem prodígio | 21

A escolha pela Psiquiatria | 43

Juliano e a Reforma Psiquiátrica no Brasil| 65

Doutor Juliano Moreira, um médico ilustre | 99

Juliano Moreira: um homem excepcional | 123

Referências bibliográficas | 127

Fontes | 133

Cronologia de Juliano Moreira | 137

Lista de figuras | 141

Anexo – Produção bibliográfica de Juliano Moreira | 143

A Coleção Personagens do Pós-Abolição

Este livro faz parte de uma coleção, sendo fruto de um projeto coletivo: "Personagens do pós-Abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano", contemplado com o Edital n° 13/2015 da CAPES - "Memórias Brasileiras: Biografias". Os sete volumes da coleção são acompanhados por um site que disponibiliza diversos materiais - oficinas, vídeos, planos de aula, banco de imagem, em torno de personagens negros biografados (http://personagensdoposabolicao.uff.br/).

Apesar de grandes contribuições para a história republicana do Brasil, esses personagens tiveram suas vidas silenciadas, esquecidas ou não reconhecidas. Foram homens e mulheres marcados pela condição racial e de gênero que levantaram bandeiras antirracistas e atuaram na transformação das possibilidades de exercício da cidadania da população negra no Brasil.

As biografias publicadas também trazem uma contribuição importante para o público em geral, para futuros professores e para os alunos da Educação Básica, pois nos permitem conhecer melhor a História do pós-abolição e do racismo no Brasil e, em volume especial, entrar em contato com novas formas de ensinar e aprender histórias do Brasil republicano. Eis os livros da coleção:

Monteiro Lopes e Eduardo das Neves:
histórias não contadas da Primeira República (v. 1)
Carolina Viana Dantas e Martha Abreu

Luciana Lealdina de Araújo e Maria Helena Vargas da Silveira:
história de mulheres negras no pós-abolição do sul do Brasil (v. 2)
Fernanda Oliveira

Juliano Moreira:
o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira (v. 3)
Ynaê Lopes dos Santos

Paulo Silva: um contraponto nas relações raciais no Brasil (v. 4)
Amilcar Araújo Pereira

Maria de Lourdes Vale Nascimento:
uma intelectual negra do pós-abolição (v. 5)
Giovana Xavier

João Cândido: o mestre sala dos mares (v. 6)
Álvaro Pereira do Nascimento

"A gente só sabe o final quando encerra": novas formas de ensinar e aprender histórias do Brasil republicano (v. 7)
Giovana Xavier (org.)

Carta a Juliano Moreira

Sabe, Juliano Moreira, tenho uma grande curiosidade em saber qual seria sua opinião se vivesse "esses dias de hoje". Que tipo de olhar um dos homens responsáveis por transformar a Psiquiatria no e do Brasil lançaria para as insanidades desse mundo? Será que a loucura seria uma chave para explicar esta realidade atual ou seria mais uma desculpa para acobertar aquilo que sabemos que nos estrutura há tanto tempo?

O que o senhor acharia do assassinato de uma vereadora negra, morta de forma extremamente violenta no centro daquela que foi a capital da República, justamente por defender negros e negras oriundos das favelas? Será que a liberdade almejada por Marielle Franco poderia ser entendida como loucura tendo em vista as amarras que nos prendem ao nosso passado escravista, patriarcal e sexista? Será que é loucura se colocar abertamente contra o racismo, a homofobia e a misoginia?

Gostaria muito de saber sua opinião de especialista sobre o assunto. Afinal, Juliano Moreira, você foi um dos primeiros homens a apontar que a problemática racial no Brasil (e no mundo) foi e é uma questão social, e não biológica como muitos acreditavam – e ainda acreditam.

Sua clareza no uso dos conceitos médicos, e sobretudo o acolhimento tão marcante na forma com a qual você tratava homens e mulheres taxados como loucos no começo do século XX seriam muito bem-vindos para ajudar a compreender e explicar por que o Brasil se mantém um país tão violento e desigual.

São quase cem anos que nos separam, Juliano, e é verdade que "muita água rolou debaixo da ponte", transformações aconteceram… e, como historiadora, não me furtaria a lhe perguntar: dentro desses quase 80 anos que se passaram desde sua morte, você enxergaria mais permanências ou mudanças?

O que um homem negro, de origem humilde, e que desafiou uma banca de concurso composta com homens escravocratas no final do século XIX, teria para contar aos alunos e alunas negros que vivem cotidianamente as dificuldades e desafios de serem estudantes negros (muitas vezes cotistas) das universidades públicas e privadas do Brasil? E as pessoas com algum tipo de doença mental que estão perdendo boa parte dos tra-

tamentos que foram desenvolvidos a partir das transformações que você implementou na Psiquiatria brasileira? Você lhes daria conselhos ou faria o que sempre fez tão bem: as escutaria e as acolheria?

Um forte abraço,

Ynaê Lopes dos Santos

Bondade e genialidade de Juliano Moreira

> "O doutor Juliano Moreira é uma excelente e boa pessoa; e não mete medo aos homens como eu, pois ele os estudou e lhes adivinha as dores."[1]

Bondade e empatia parecem ser características que não dão conta de expressar as qualidades de um homem tão excepcional como Juliano Moreira. E, realmente, elas não dizem tudo. Mas, quando esses dois traços de personalidade são identificados por ninguém menos do que Lima Barreto, é preciso parar para entendê-los em seu contexto e em suas complexidades.

Era 1914 quando um dos mais importantes literatos brasileiros (ainda não reconhecido por suas obras) fez essa breve descrição de Juliano Moreira. As circunstâncias não foram das mais felizes para o escritor: em meio a uma crise de depressão

1 BARRETO, L. *Um longo sonho do futuro*: diários, carta, entreviostas e confissões dispersas. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998, p. 353

e alcoolismo, ele foi encaminhado pela polícia para o Hospício Nacional dos Alienados. Esta era uma prática que se tornara corriqueira na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo para homens mestiços, negros e pobres, cujas mazelas, oriundas da vida em uma sociedade marcada pela discriminação racial e tabulada pelo discurso eugenista, muitas vezes eram (mal) interpretadas e tachadas como loucura.

Naquela altura, fazia mais de uma década que Juliano Moreira assumira o cargo de diretor do Hospício, cargo este que ocuparia até 1930. O menino prodígio, que entrara na Faculdade de Medicina aos 14 anos de idade, havia se tornado um dos mais importantes e respeitados nomes da Psiquiatria brasileira, reconhecido internacionalmente. Teve sua trajetória marcada por uma série de superações, uma vida pessoal discreta e uma dedicação quase que absoluta aos estudos científicos. Não por acaso, sua atuação como médico e pesquisador produziu inúmeros avanços nos estudos da sífilis, da neurologia, da hanseníase, da psicologia, da tuberculose e das doenças nervosas das regiões tropicais, isto sem contar a introdução no Brasil dos princípios da psicanálise por meio dos estudos de Freud. Homem de notório saber, ele também estava preocupado com a consolidação da ciência no Brasil. Justamente por isso, fundou e colaborou com importantes periódicos científicos, tais como Arquivos Brasilei-

ros de Psiquiatria, Arquivos Brasileiros de Medicina e Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio e Janeiro, além de ter sido membro de diversas associações médicas e psiquiátricas. Todavia, a transformação no tratamento das doenças mentais foi, sem dúvida alguma, sua maior contribuição: aboliu o uso de grades e camisas de força nos manicômios, implementando um novo protocolo de tratamento psiquiátrico na saúde pública brasileira.

Como se sua ilustração pujante e sua brilhante capacidade profissional não fossem o suficiente, Juliano Moreira também era tido como um homem cuja bondade encantava os que viviam ao seu redor, principalmente seus pacientes, que nele encontravam um médico que não se limitava a prescrever receitas e remédios, mas que mergulhava no estudo dos sintomas, a fim de "adivinhar as dores de seus pacientes, sem meter-lhes medo", como bem pontuou Lima Barreto. A humanidade com a qual tratava homens e mulheres tachados de loucos era também reconhecida por seus pares, que viam nele não só um grande médico, mas também um importante mestre.

Sua dedicação à sua área foi tamanha que Juliano Moreira não se furtou a discordar de importantes nomes da medicina brasileira quando ainda estava iniciando a prática clínica. Na verdade, foi além: não discordou apenas de médicos renomados – como na famosa contenda com ninguém menos do

que Nina Rodrigues (um dos maiores médicos legistas do país) –, mas colocou em cheque toda a pseudociência que se alicerçava no racismo científico e que apregoava a inferioridade biológica entre as diferentes raças humanas como chave explicadora de inúmeras doenças, inclusive a loucura.

Talhado na bondade e na genialidade, também foi um homem que, em certa medida, desafiou seu tempo. Sua formação precoce numa das profissões mais elitistas e prestigiosas do período, suas viagens internacionais e os contatos estabelecidos com cientistas importantes de diferentes partes do mundo e a direção por quase três décadas da principal instituição de tratamento de doenças mentais no país já seriam, por si só, feitos importantes. Tudo isto vivido por um homem negro, de origem humilde e criado apenas pela mãe fornece outro tom para a vida do médico baiano.

Entretanto, Juliano também foi um homem do seu tempo. E foi justamente pela singularidade de sua trajetória que ele não só contestou a correlação feita entre raça e loucura, como também defendeu que as mazelas sociais (como o racismo e a desigualdade econômica) eram responsáveis por boa parte das doenças mentais que acometeram os homens e mulheres que ele tratou com respeito e zelo ao longo de toda a sua vida, mesmo imbuído de um espírito higienista – marca característica dos

homens que estiverem à frente das políticas públicas nos primeiros anos da República brasileira.

Retomando as impressões de Lima Barreto, que foi um dos muitos pacientes do psiquiatra, não era apenas a ilustração que fazia da vida de Juliano Moreira algo surpreendente, mas também a sua capacidade de, "sem barulho, mansamente, se fazer até onde estava"[2].

É justamente este lugar da vida de Juliano Moreira que vamos conhecer.

2 BARRETO, L. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 198.

A formação do jovem prodígio

No início de janeiro de 1872, a comunidade médica soteropolitana se juntava a doutores de outras partes do mundo para comemorar um feito e tanto: depois de muitos testes infrutíferos, a Imperial comunidade médica de Viena finalmente havia conseguido realizar o diagnóstico de sífilis pelo exame microscópico do sangue.[1] Conhecida pelos europeus desde o período chamado de Idade Média – quando ainda era encarada como uma espécie de castigo aos pecados da carne por ser transmitida sexualmente –, a sífilis foi uma das doenças que atravessou o Atlântico durante o período colonial. Ao longo do século XIX, associada a outras enfermidades como a tuberculose, a sífilis foi responsável por inúmeras mortes, não respeitando credo, cor ou condições socioeconômicas. Sendo assim, a comemoração era mais do que justificada.

1 GAZETA MÉDICA DE NOTÍCIAS. Salvador, 15 mar. 1872, p. 218.

Por ironia do destino, nesse mesmo início de janeiro de 1872, mais especificamente no dia de Reis, nascia na freguesia da Sé da cidade de São Salvador Juliano Moreira. Se os redatores da Gazeta Médica da Bahia soubessem disto, é provável que também comemorassem o nascimento do futuro médico e cientista que não só transformaria a Psiquiatria no Brasil, como seria um dos maiores especialistas no estudo da sífilis no país, o pioneiro no uso de microscópio na prática médica brasileira, além de um dos maiores colaboradores dessa mesma Gazeta de notícias médicas. Mas o ano de 1872 mal começara, e a história de Juliano Moreira ainda estava por ser vivida.

Não seria exagero afirmar que a empolgação dos médicos baianos ante as descobertas de seus colegas austríacos não se limitava apenas aos progressos nos estudos sobre a sífilis: a notícia descrevia mais uma situação na qual o bom uso da razão parecia colocar a humanidade no comando da natureza: uma nova vitória da ciência. Tal vitória fazia parte de uma série de transformações que aconteceram nas últimas décadas do século XIX no Brasil em franco diálogo com o mundo ocidental. Em linhas gerais, essas mudanças faziam parte do desejo das elites brasileiras pela modernidade, já que era ela o passaporte que parecia garantir a entrada no "mundo civilizado". No entanto, a busca pelo moderno não se limitava às novas tecnologias empre-

gadas nos exames médicos: ela se fazia sentir em diferentes facetas da vida social.

Salvador, uma das mais importantes cidades brasileiras do período, não ficou de fora das transformações realizadas em nome da civilização: no plano urbanístico, por exemplo, um dos feitos mais significativos foi a construção do elevador hidráulico da Conceição no começo da década de 1870. Este elevador tinha por objetivo facilitar o contato entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa da capital da província da Bahia. Além disso, os preceitos civilizatórios europeus baseados no conceito higienista foram a base para uma série de mudanças implementadas em Salvador, como a pavimentação de ruas, a introdução de carros que deslizavam em trilhos puxados por força animal, o uso de gás na iluminação pública e a construção de sanatórios, hospitais, cemitérios e presídios em pontos distantes da cidade. O objetivo principal dessas mudanças era ordenar o espaço público, bem como os modos dos habitantes da cidade.

Figura 1– Vista parcial do porto de Salvador (1870)
Fonte: Joseph Schleier / Guia Geográfico Cidade do Salvador

Nota: Nesta fotografia, é possível ter uma dimensão da parte Alta e parte Baixa de Salvador, num período em que a cidade começava a passar por um intenso processo de modernização urbanística.

Para aqueles que governaram Salvador, o controle de seus habitantes sempre esteve na ordem do dia. Como uma das maiores cidades escravistas das Américas, o local foi palco da maior rebelião de escravizados no Brasil – a Rebelião dos Malês –, em 1835, e da greve dos trabalhadores negros escravizados e livres, no ano de 1856. Se, por um lado, a proibição do Tráfico Transatlântico em 1850 e a migração interna de escravizados para o sudeste açucareiro tinham diminuído o percentual da população escrava da cidade – pelo censo de 1872, representava pouco mais de 10% de seus habitantes –, por outro, a significativa presença da população negra (livre e escrava, brasileira e africana) ainda lembrava a força da escravidão naquela cidade, que agora precisava se adequar aos novos padrões sociais impostos pelas políticas higienistas. E mesmo nuançado pela diminuição

do número de cativos, e até mesmo pelo aumento dos princípios abolicionistas, o legado da escravidão se faria sentir em diversos aspectos da cidade, e também da vida de Juliano Moreira.

Sua origem foi, provavelmente, a primeira dessas heranças. Sua mãe, Galdina do Amaral, era uma mulher negra, livre e pobre, uma das tantas descendentes de escravizados que viveu em Salvador e criou seu filho com a força de seu trabalho. Alguns memorialistas de Juliano Moreira afirmam que Galdina era uma quitandeira, que ganhava a vida vendendo doces, frutas e bolos pelas ruas da cidade. Esta é uma hipótese plausível, já que tal atividade empregou inúmeras mulheres negras que trabalharam em cidades escravistas brasileiras, fossem elas escravas, livres ou libertas. No entanto, a própria trajetória de vida de Juliano Moreira leva a crer que sua mãe trabalhava como doméstica na casa do barão de Itapuã, outra atividade exercida por milhares de mulheres negras ao longo da história do Brasil. Ele era fruto de sua relação com o português Manuel do Carmo Moreira Júnior que, embora vivesse em Salvador, parece não ter assumido nenhum compromisso com Galdina, e só apareceu na vida de seu filho anos depois de seu nascimento. A ausência paterna no início da vida de Juliano Moreira é comprovada no seu registro de batismo:

> Aos 16 de outubro de 1872, baptizei e pus os Santos Óleos Juliano, pardo, nascido a seis de janeiro do mesmo

> anno, filho natural de Galdina Joaquina do Amaral. Foi Padrinho o Barão de Itapuã, e pos a coroa de N. Sra. Bernadimo Peres da Costa Chartinet. De que fui este e assignei. O cônego Cura João José de Abrantes.[2]

Negra, pobre e mãe solteira, Galdina do Amaral sabia que, mesmo nascendo livre, uma das poucas chances que seu filho teria em uma sociedade cingida pela escravidão e discriminação racial dependeria, e muito, das redes que ele teceria ao longo de sua vida. Justamente por isso, mantendo uma espécie de tradição construída por mulheres negras que a antecederam, Galdina iniciou essa tessitura ao escolher Luís Adriano Alves de Lima Gordilho, seu patrão, como padrinho de seu filho. No Brasil escravista e católico, o compadrio foi uma das mais importantes relações sociais estabelecidas entre os diferentes segmentos sociais. No caso específico da população negra, o compadrio transformou-se tanto numa forma de recriar as noções de família extensa trazidas por muitos africanos escravizados, como também uma ferramenta importante na luta pela obtenção e manutenção da liberdade. Galdina sabia disso, e usou da sua sabedoria no momento de fazer sua escolha.

Condecorado como o segundo barão de Itapuã em maio de 1872 por D. Pedro II, Luís Adriano Alves de Lima

2 Certidão de batismo de Juliano Moreira (Memorial Juliano Moreira).

Gordilho vinha de uma família tradicional da Bahia e manteve sua estirpe familiar, ocupando os postos de conselheiro do imperador e comendador da Ordem da Rosa. Médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Luís Gordilho foi um dos mais importantes estudiosos da saúde da mulher parturiente, gozando de fama e de uma ótima clientela durante boa parte de sua vida. Ao que tudo indica, o médico exerceu forte influência na infância e adolescência de Juliano, tendo desempenhado papel importante na vida escolar do menino e na sua decisão pela Faculdade de Medicina.

Embora Juliano tivesse nascido num momento em que, no Brasil, a ideia de modernidade era vista como condição para a entrada no mundo civilizado, a educação – sobretudo a educação formal – era algo ainda reservado a um número muito limitado de pessoas. Exemplo disso era a alta taxa de analfabetismo em todo o país, que beirava os 90% da população. A estruturação do sistema escolar era relativamente recente aqui. A obrigatoriedade da escola primária para crianças maiores de 7 anos só foi implementada pela Reforma de Couto Ferraz, em 1854. No entanto, esta reforma mantinha a proibição de crianças escravas nas escolas, o que, na prática, deixava a maior parte da população negra (mesmo liberta e livre) fora dos bancos escolares. Contrariando o destino de meninos negros e de origem humilde no Brasil de

então, Juliano Moreira não só aprendeu a ler e escrever, como teve uma formação escolar sólida. Depois de finalizar o ensino fundamental, estudou no Colégio D. Pedro II, uma escola particular de Salvador. Afrânio Peixoto, que foi amigo e discípulo de Juliano Moreira, relatou que, após finalizar os estudos no colégio particular, o futuro médico foi para o Liceu Provincial, com o intuito de obter o diploma de bacharel que serviria como uma espécie de preparatório para a entrada em faculdades. Embora não haja muita informação sobre esse período da sua vida, é provável que seu padrinho tenha dado não só incentivo e apoio moral, como suporte financeiro para que finalizasse os estudos.

Figura 2 – Juliano Moreira criança
Fonte: Autor desconhecido / Memorial Juliano Moreira

Os anos finais do período escolar foram marcados pela morte de sua mãe, e também por certa reaproximação de seu pai, o português Manoel do Carmo Moreira Júnior, que só reconheceu a paternidade do jovem depois da sua viuvez. Inspetor da iluminação pública de Salvador, Manoel manteve uma relação distante com o filho, e a falta de informações nos impede de compreender que tipo de influência ele teria exercido na vida de Juliano. De acordo com Alexandre Passos, numa das poucas menções feitas ao pai, o futuro médico destacou seu empenho técnico no exercício das funções de inspetor de iluminação pública, bem como seu apreço pela leitura – Manoel Moreira comprava o Jornal de Notícias religiosamente e chegou a ler alguns escritos de Juliano. Comentários pontuais, mas que já demonstraram a maneira discreta com a qual Juliano trataria os assuntos pessoais.

Após passar pelo Colégio D. Pedro II e pelo Liceu Provincial, Juliano Moreira seguiu os passos de seu padrinho e ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, demonstrando uma trajetória escolar muito singular. Essa Faculdade – que originariamente se chamava Escola de Cirurgia da Bahia – era o curso superior mais antigo e tradicional do Brasil, fundado em fevereiro de 1808, quando d. João transferiu a Corte do Império Português para o Rio de Janeiro. Antes desse período, todos

que quisessem e pudessem ingressar numa faculdade deveriam fazê-lo fora da colônia, estudando geralmente em Portugal. Frequentada pelos rapazes das famílias mais abastadas da Bahia e de províncias vizinhas, a Faculdade de Medicina – localizada no Terreiro de Jesus, região central de Salvador –, em certa medida, espelhava a estruturação social do Brasil daquele período. A imensa maioria dos homens que por ali passavam, bem como seus professores, era de homens brancos com algum tipo de lastro familiar (muitas vezes escravocratas).

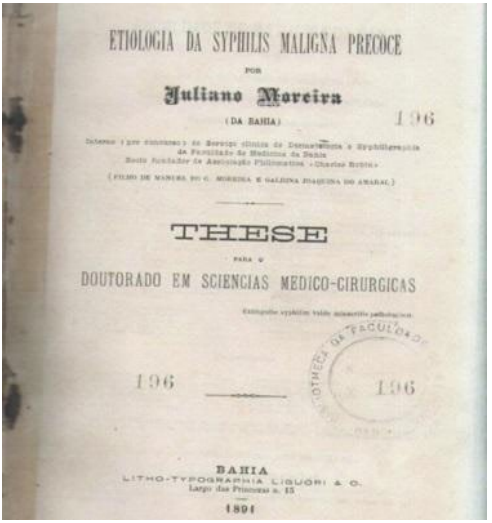
Mesmo assim, no ano de 1886, com apenas 14 anos, Juliano Moreira foi matriculado na Faculdade de Medicina após ser aprovado no preparatório e pagar a quantia de 50 mil réis. Ronaldo Jacobina, um médico que se dedica à história da Faculdade de Medicina e à sua vida, revelou que o jovem precoce enfrentou pequenas dificuldades no primeiro ano do curso, sobretudo na disciplina de Física. Contudo, tais dificuldades foram sanadas e, a partir do segundo ano do curso, ele manteve a fama de aluno empenhado, iniciando ali uma prática que o acompanharia pelo resto da vida: a fundação de associações científicas voltadas para a pesquisa. Sua dedicação foi tamanha que, quando ainda cursava o quinto ano da Faculdade, Juliano foi interno da Clínica Dermatológica Sifiliográfica, experiência que seria fundamental na sua formação médica.

104
RECEBEDORIA DA BAHIA
MATRICULA DA FACULDADE DE MEDICINA
EXERCICIO DE 1895 A 1896
Recebedoria da Bahia,

Figura 3 – Recibo de matrícula de Juliano Moreira na Faculdade de Medicina da Bahia
Fonte: Memorial Juliano Moreira

O Brasil mudara muito durante o período no qual Juliano Moreira esteve no curso de Medicina. Quando ingressou na Faculdade, o país ainda era governado por um monarca e era a última nação americana a manter a escravidão. Aos 19 anos, quando apresentou a tese que não só lhe garantiu o grau de médico, mas que também demonstrou parte de sua excepcionalidade como pesquisador, vivia num Brasil republicano e sem escravos, cuja elite política – parte dela contrária às transformações recentes – vociferava ainda mais os ideais de civilidade forjados na Europa. As mudanças recentes também recaíram sobre a estruturação escolar, que passou por uma série de reformas,

mas que não retirou a obrigatoriedade da apresentação de uma tese para a obtenção do título de doutor em Medicina e Cirurgia. Sendo assim, no ano de 1891, Juliano Moreira apresentou a tese Etiologia da sífilis maligna precoce, trabalho que recebeu destaque internacional, graças à qualidade da pesquisa e às conclusões apresentadas pelo autor.



ETIOLOGIA DA SYPHILIS MALIGNA PRECOCE

POR

Juliano Moreira

(DA BAHIA)

196

THESE

PARA O

DOUTORADO EM SCIENCIAS MEDICO-CIRURGICAS

196 196

BAHIA

LITHO-TYPOGRAPHIA LIGUORI & C.

1891

Figura 4 – Tese apresentada por Juliano Moreira para obtenção do grau de médico em 1891
Fonte: Biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia - UFBA
Nota: O trabalho recebeu ótimas críticas e chegou a ser citado em periódicos internacionais.

A sífilis foi uma das doenças que mais mataram homens e mulheres de diferentes origens e condições sociais. Médicos de diversas partes do mundo estavam empenhados em entender melhor essa enfermidade para conseguir curá-la. O trabalho de Juliano Moreira trouxe importantes contribuições,

e justamente por isso foi reconhecido e citado por pesquisadores europeus. Duas contribuições merecem destaque: a primeira foi a hipótese, levantada a partir de um estudo exaustivo da bibliografia existente, de que a sífilis era uma doença transmitida por uma bactéria, o syphilo-microbio. Tal hipótese só foi confirmada anos depois, em 1905, por pesquisadores alemães; a segunda contribuição estava no caráter original do estudo comparativo feito pelo aluno. Ao analisar a manifestação da sífilis em diferentes países, o médico conseguiu comprovar não haver relação entre sua ocorrência e um tipo de clima específico. Tal conclusão levava, invariavelmente, à refutação da tese que atribuía a malignidade da sífilis à raças humanas específicas. Na realidade, uma leitura mais atenta da tese evidencia que, desde muito jovem, Juliano Moreira já demonstrava um incômodo acadêmico acentuado em relação à existência de raças humanas.

> "Quantas são as raças? Onde termina a raça branca? Onde começa a amarella? Onde acaba? Onde começa a preta?"[3] Para alcançar a importância destas perguntas, feitas por Juliano, é fundamental compreender os pilares que sustentavam os estudos científicos daquele período. Ao longo do século XIX, grande parte das pesquisas médicas estava direta ou indiretamente dialogando com os estudos sobre a origem da humanidade. De maneira

3 MOREIRA, J. *Etiologia da syphilis maligna precoce*. 1891. Tese (Doutoramento em Medicina) – Faculdade de Medicina de Bahia, Salvador, 1891, p. 136.

> geral, tais estudos se dividiam em dois grandes campos: monogenistas de um lado e poligenistas do outro. Enquanto os primeiros consideravam que todo ser humano tinha a mesma origem e que as diferenças entre eles era resultado de uma maior ou menor proximidade ao Éden (teoria difundida pela Igreja Cristã), os segundos, baseados em recentes estudos de cunho biológico, defendiam a existência de diversos núcleos de produção correspondentes aos diferentes grupos humanos.

No entanto, para ambos os grupos, não restavam dúvidas de que a humanidade era dividida em raças diferentes que, por sua vez, estavam hierarquicamente alocadas nos estágios distintos da escala evolutiva. O pressuposto da existência de raças humanas era o pilar de sustentação da eugenia, um conceito que defendia a ideia da pureza e superioridade de uma raça humana específica (a raça branca) e que, consequentemente, entendia que qualquer "cruzamento de raças" seria maléfico para o gênero humano. Durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a eugenia foi amplamente aceita no mundo científico e esteve na base das políticas higienistas daquele período. Sendo assim, ao questionar, em sua pesquisa inaugural, a existência de raças humanas, Juliano Moreira estava contestando toda a pseudociência que se alicerçava nessa teoria e na crença da superioridade genética de determinado grupo de

seres humanos. Sua perspectiva se mostraria absolutamente correta, do ponto de vista científico, mesmo antes da comprovação da inexistência de raças humanas.

Sua tese, defendida oralmente e por escrito, foi muitíssimo bem recebida pela banca examinadora, obtendo notas máximas em sua avaliação. Graças à extensa leitura bibliográfica – feita em diferentes línguas – e à profundidade com a qual Juliano estabeleceu relações entre os aspectos biológicos, climáticos e sociais da sífilis, seu trabalho teve repercussão global, sendo analisado por sete periódicos internacionais e citado por dois importantes médicos franceses.

Mesmo repudiando os pressupostos nos quais a eugenia se alicerçava, a leitura da tese de Juliano Moreira permite observar a presença de uma preocupação que formatou a vida e a atuação profissional do médico baiano: os princípios higienistas. Ao tentar compreender quais condições facilitavam o desenvolvimento da doença, ele conseguiu determinar vínculos com o aparecimento de outras enfermidades, como a malária, tuberculose, diabetes e nefrite destacou sua gravidade tanto na primeira infância quanto na população idosa e também pontuou como o alcoolismo era uma condição propensa para o desenvolvimento da sífilis, sublinhando como esse "perigo social" (como chamou o alcoolismo) deveria ser combatido pelas autoridades.

Desse modo, não foi por acaso que, depois de formado, seu primeiro emprego foi justamente como médico comissionado pela Inspetoria de Higiene no ano de 1892, quando contava 20 anos de idade. Sua função era dar assistência médica à população que vivia nas cidades de Bonfim, Jacobina e cercanias. Juliano ficou no cargo por seis meses, período no qual entrou em contato com a pobreza da região, bem como com a burocracia dos órgãos responsáveis pela implementação das políticas públicas higienistas. A experiência foi tão marcante que ele a descreveu num tratado, o qual ficou conhecido como Relatório Endemo-epidemia da Jacobina, publicado em 1893 na Gazeta Médica da Bahia. De acordo com Juliano,

> Apesar, porém, de comissionado para prestar socorros a febris e disentéricos, logo no primeiro dia de trabalho tive de ver doentes de outra natureza, aos quais só não socorria quando absolutamente não encontrava na ambulância meio de fazê-lo. A ambulância a que acabo de referir-me não era avantajada pela soma de substâncias que continha.[4]

Imbuído do espírito higienista – que o acompanharia ao longo de toda sua vida –, Juliano Moreira entrou em contato com as moléstias que acometiam população do sertão baiano.

4 MOREIRA, J. Endo-epidemia de Jacobina (1891.1892). Relatório Apresentado por Juliano Moreira. *Gazeta Médica da Bahia*, 1893, p. 509.

Nesse tratado, é possível perceber como a observação atenta do médico estava em pleno diálogo com os pressupostos higienistas. Ao analisar as possíveis causas de tantas doenças na região em que trabalhava, Juliano fez um verdadeiro inventário das práticas sociais daquelas pequenas cidades, examinando o impacto dos açougues, cemitérios e despejos de dejetos no desenvolvimento de epidemias.

A pobreza da região também saltou aos olhos de Juliano Moreira, que não se furtou a considerá-la outra importante causa para o surgimento de doenças. Segundo ele,

> [...] conviria salientar que muitas pessoas faleceram em virtude da falta de alimentação conveniente! Sempre que possível foi-me, procurei cumprir com meu dever de auxílio alimentar aos que solicitavam-no, mas bem se compreende os limites que podia ter minha eficiência.
>
> Não menos se compreenderá que não dispunha de meios para melhorar, ou mudar, de domicílio aos que muitas vezes disso precisavam. De fato, o quanto de horrível há em examinar-se um diarreico deitado sobre fragmentos do que foi esteira, coberto por panos de aspecto inenarrável.[5]

A pobreza e a falta de higiene em boa parte das cidades nas quais atuou como médico comissionado na região centro-norte da Bahia pareceram impactá-lo menos do que a falta

5 MOREIRA, J. Endo-epidemia de Jacobina (1891.1892). Relatório Apresentado por Juliano Moreira. *Gazeta Médica da Bahia*, 1894, p.163.

de recursos e de boa vontade dos responsáveis pela Inspetoria de Higiene. Foram muitas as vezes que Juliano demonstrou sua desaprovação com a falta de empenho dos seus superiores que, além de não lhe enviarem os medicamentos solicitados, também o criticaram por utilizar substâncias alternativas – como o pau -pereira e o limão – nos momentos de crise.

Em setembro de 1892, Juliano Moreira foi desligado da Inspetoria de Higiene, uma atitude que apenas antecipou sua decisão de deixar o posto, tendo em vista as inúmeras contendas que teve com seus superiores ao longo dos meses em que trabalhou nas regiões próximas ao município de Jacobina.

Esta não foi a única experiência ruim de Juliano. Em outubro desse mesmo ano, Luís Adriano Gordilho, seu padrinho, cometeu suicídio. De acordo com o médico Nina Rodrigues, que fez a autópsia, a ação derradeira do 2º barão de Itapuã deveu-se a uma somatória de causas: a morte precoce de seu filho acometido pela febre amarela – doença que o barão de Itapuã acreditava ter lhe passado –, a aposentadoria forçada em 1890, a perda significativa de sua clientela, além do que Nina Rodrigues chamou de "estado de demência mental": de acordo com testemunhas, Luís Adriano Gordilho teve uma série de episódios de alucinação, nos quais ouvia e via coisas fora da normalidade.

Difícil avaliar se a condição senil de seu padrinho

levou Juliano Moreira a se interessar pelo estudo da loucura ou se apenas as circunstâncias profissionais, sobretudo a necessidade de se firmar como médico e pesquisador, o levaram a tanto. Mas o fato é que, em abril de 1893, Juliano Moreira foi nomeado professor assistente da Cadeira de Psiquiatria e Moléstias Nervosas, realizando as aulas práticas no Asilo de Alienados da Santa Casa de Misericórdia até o fim de seu contrato em 1894. Este foi o primeiro contato mais frequente que Juliano travou com aqueles que estavam na condição de alienados. Todavia, como essa função não era remunerada, no ano seguinte, ele se candidatou ao cargo de Preparador de Anatomia Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Bahia, atividade que lhe rendeu um parco salário.

O ano de 1894 também foi marcado por uma prática que se tornou um predicado na vida profissional de Juliano Moreira: sua vocação para o trabalho em grupo, principalmente no que diz respeito à publicação de pesquisas científicas. Como sócio fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, Juliano assumiu o cargo de diretor dos Anais da entidade que, a partir do 1895, passaram a ser publicados na renomada Gazeta Médica de Notícias. Foi como sócio desta entidade que Juliano Moreira publicou (junto com outros dois colegas) o texto "Assistência dos Alienados na Bahia", sua primeira publicação na área psiquiátrica. Nele, algumas premissas que guiaram a atuação

profissional do psiquiatra já despontavam. Ainda no início do relatório, os autores pontuavam que:

> Se uma casa dos alienados é um instrumento de cura; se nas mãos de um médico hábil é o agente terapêutico mais poderoso contra as moléstias mentais – como categoricamente afirma o grande alienista Esquirol –, e não um mero depósito de loucos, como acontece com o nosso asilo, cabe à Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia o papel de orientar o governo do Estado, uma vez que empenha-se de dotá-lo de certos melhoramentos, a fim de pôr-se em prática o quanto prescrevem a Psiquiatria e Higiene modernas, pois somente assim poderá ele preencher satisfatoriamente os fecundos e humanitários fins a que é destinado.[6]

Para além da crítica à estrutura dos asilos propriamente dita, esta passagem do relatório, assinado por Juliano Moreira, Aurélio Vianna e João Tillemont Fontes, também permite entender um pouco melhor como a crença na ciência, sobretudo na área médica, vinha ganhando força no Brasil de então. Durante muitos anos, no período colonial, bem como no Brasil Império, o tratamento de doenças não foi uma atividade exercida apenas por médicos. Na realidade, para grande parte da população, o contato com esse profissional era praticamente

6 MOREIRA, J.; VIANNA, A.; FONTES, J. T. Assistência dos alienados da Bahia. Relatório. *Gazeta Médica da Bahia*, 1895, p. 15.

impossível (tendo em vista a raridade desses profissionais, bem como seu uso exclusivo pelas classes mais abastadas), cabendo aos curandeiros, barbeiros-cirurgiões e guias religiosos os cuidados do corpo e da alma. Ao pontuar que cabia "à Sociedade de Medicina da Bahia o papel de orientar o governo do Estado" sobre os melhoramentos a serem feitos nas instituições asilares, os três autores (todos eles médicos) evidenciaram como o discurso médico estava se tornando o pilar de sustentação teórica das ações do Estado republicano no que tange aos cuidados da saúde física e mental da população. Tal tendência era reforçada pelos princípios higienistas que, grosso modo, defendiam que a boa saúde só estaria garantida caso também houvesse um cuidado com a moralidade dos cidadãos – moralidade esta que deveria ser resguardada pelo Estado a partir de uma série de medidas e intervenção em práticas sociais já estabelecidas.

A entrada do discurso médico nas ações políticas durante os primeiros anos da República brasileira pautou boa parte das ações de Juliano Moreira. Não por acaso, ele fez parte de inúmeras associações médicas e científicas que buscavam, entre questões mais específicas, guiar as ações do governo na cura dos mais diversos males. Por isso, não é de se estranhar que Juliano tenha feito parte de tantas organizações médicas. Ainda em 1895, ele participou da fundação da Sociedade de Medicina

Legal, assumindo a editoração da Revista Médico Legal, experiência que compartilhou com Afrânio Peixoto, seu amigo de toda a vida. Ali, uma vez mais, era possível observar sua crença na contribuição da medicina no exercício de regulação do Estado sobre a população.

A escolha pela Psiquiatria

Figura 5 – Juliano Moreira
Fonte: Memorial Juliano Moreira
Nota: formado médico em 1891 aos 19 anos, o jovem Juliano Moreira se tornaria professor da Faculdade de Medicina da Bahia em 1896 com apenas 24 anos de idade.

Ainda moço, Juliano Moreira já revelava sua capacidade de atuar em diferentes áreas da Medicina. Com 23 anos, ele havia escrito um trabalho magistral sobre sífilis, tratado pacientes de febre amarela, malária e outras enfermidades como médico comissionado da Inspetoria de Higiene no sertão baiano e trabalhado com os alienados do Asilo da Santa Casa da Bahia

durante a experiência como professor assistente da Cadeira de Psiquiatria e Moléstias Nervosas. No ano de 1894, Juliano Moreira apresentou um interessante trabalho para a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, o qual foi publicado no ano seguinte na Gazeta Médica com o título "Existe na Bahia o botão de Birka? Um estudo clínico". Neste estudo, o médico recuperou sua vivência como interno da Clínica Dermatológica Sifiliográfica e analisou o botão endêmico de lesões na pele causadas pela doença, confirmando que esta existia no Brasil. Assim como fizera em sua tese inaugural, descartou qualquer determinismo racial no surgimento dessa moléstia e, graças à escuta atenta de seus pacientes, lançou a hipótese do botão endêmico estar associado à picada do muruim, um inseto comum na Bahia. Ainda na área da dermatologia, ele fez a primeira descrição de uma dermatose rara, o que lhe rendeu uma publicação no British Journal of Dermatology no mesmo ano de 1895.

Embora a interdisciplinaridade médica fosse acompanhar Juliano Moreira pelo resto da vida, sua atuação profissional consolidou-se na área da Psiquiatria. Além da experiência como professor substituto nos anos de 1893 e 1894, em 1895, ele fez uma breve viagem à Europa, na qual visitou uma série de clínicas psiquiátricas que estavam iniciando mudanças significativas no tratamento aos doentes mentais. Neste sentido, o concurso

para professor substituto da Cadeira de Psiquiatria e Doenças Nervosas da Faculdade de Medicina na Bahia, em 1896, foi uma espécie de divisor de águas na vida do jovem médico que, a partir de então, dedicou grande parte do seu tempo ao estudo e tratamento das doenças mentais, tornando-se um dos principais (senão o maior) nomes da Psiquiatria da Primeira República.

Quando o concurso foi aberto, fazia uma década do início do ensino regular da Psiquiatria para médicos no Brasil. Na verdade, o cuidado especializado com os doentes mentais era muito recente. Durante o período colonial, bem como nos primeiros anos do século XIX, não havia nenhuma preocupação das autoridades em oferecer qualquer forma de tratamento a pessoas em tais condições. Aqueles que eram considerados loucos muitas vezes perambulavam pelas ruas das cidades e acabavam presos nos hospitais da Santa Casa de Misericórdia. A partir de 1830, contudo, um grupo de médicos criou a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que, entre outros feitos, passou a exigir que o governo tratasse a loucura a partir de uma perspectiva médica, o que em tese garantiria o oferecimento de condições adequadas para os alienados, retirando-os de prisões e calabouços e oferecendo tratamento em instituições apropriadas. Como consequência do crescimento do prestígio médico ante as autoridades brasileiras, no ano de 1881, foi criada a Cadeira de Doenças

Nervosas e Mentais nos cursos de Medicina. Cinco anos depois, Teixeira Brandão se tornou o primeiro psiquiatra a ocupar esta cadeira no Brasil, o que resultou na já citada regulamentação do ensino de Psiquiatria, criando inclusive a 12ª sessão: uma área que deveria compreender as disciplinas sobre doenças mentais nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro.

No caso específico da Faculdade baiana, o concurso de 1896 foi aberto alguns anos após a morte de Augusto Freire Maia Bittencourt, o primeiro ocupante da cadeira no estado da Bahia. De acordo com o Relatório do Ministério de Justiça, três se candidataram ao concurso: Deolindo Octaviano, Fonseca Galvão e Juliano Moreira. O jovem de 24 anos parecia ter todos os requisitos para se sentir seguro na disputa pelo cargo. Mas havia um "detalhe" que poderia fazer toda a diferença: Juliano Moreira era um homem negro.

Não era segredo para ninguém que os rapazes que passavam pelo curso de Medicina da Faculdade localizada no Terreiro de Jesus, região central de Salvador, bem como os professores da instituição, eram, em sua imensa maioria, homens brancos oriundos das classes mais abastadas da Bahia. E quem conhece um pouco da história do Brasil sabe que, durante muito tempo, poder econômico, prestígio social e influência política andaram de mãos dadas com a propriedade de escravos. Desse modo, a candidatura

de Juliano Moreira parecia fadada ao fracasso: os professores e diretores da Faculdade – muitos deles antigos senhores de escravos que perpetuavam a ideologia racista da época – dificilmente deixariam que um jovem médico negro (descendente de escravos) fosse aprovado em tão prestigiado cargo.

Quando a banca examinadora foi designada, havia rumores de que um dos candidatos tinha a simpatia de três dos cinco membros que a compunham (homens abertamente escravocratas). Juliano Moreira chegou a ser avisado pessoalmente por Luís Anselmo da Fonseca, um dos raros professores negros da Faculdade de Medicina da Bahia, sobre a postura racista de um dos seus colegas de docência que faria parte dessa banca. Segundo ele, anos antes, este mesmo professor havia chamado suas tias de "queimadinhas", numa alusão preconceituosa à cor da pele da sua família.

Mas essa não seria a primeira nem a última situação em que Juliano Moreira teria que lidar com o racismo que estruturava as práticas e ações sociais do seu tempo. Além de dominar como poucos as matérias solicitadas no concurso, o jovem prodígio contava ainda com o apoio de seus colegas e de boa parte dos estudantes da Faculdade, muitos dos quais haviam sido seus alunos quando ele ocupara o cargo de preparador de anatomia cirúrgica.

Os memorialistas do médico descrevem o concurso de forma quase épica. Seus apoiadores, encabeçados por Afrânio Peixoto, fizeram uma série de manifestações exigindo que o concurso transcorresse de forma justa. Numa tentativa de garantir a transparência do processo, dezenas de estudantes lotaram o salão nobre da Faculdade e acompanharam com entusiasmo as apresentações de Juliano Moreira. Seguindo os ritos do concurso, este apresentou duas teses: "Disquenesias Arsenicais" e "Meopatias Progressivas". Leu ambos os trabalhos publicamente, depois realizou uma prova prática, um teste didático e, por fim, a defesa propriamente dita das teses apresentadas. Todas as etapas do processo foram realizadas com o brilhantismo que lhe era peculiar, mas, aparentemente, não comoveram a banca examinadora.

O concurso de lente substituto da 12a sessão da Cadeira de Psiquiatria e Neurologia da Faculdade de Medicina da Bahia ganhou tamanha repercussão que seu resultado foi acompanhado pelo jornal Correio da Bahia. De acordo com um dos seus jornalistas, no dia 9 de maio de 1896, centenas de pessoas lotaram os portões da Faculdade para acompanhar a divulgação do resultado do concurso, que parecia estar acertado em nome da perpetuação dos interesses da aristocracia baiana. Algumas horas depois, os resultados foram fixados na parede: Juliano Moreira recebeu nota máxima em todos os quesitos ava-

liados e se tornava professor da mesma instituição em que se formara médico. Foi um dia de muita festa no Terreiro de Jesus, momento considerado um dos mais emocionantes da história daquela instituição.

Figura 6 – Faculdade de Medicina da Bahia - Terreiro de Jesus, Salvador (c1896-1905?)
Fonte: Bahia Illustrada (dez. 1917)

Nota: localizada na região central de Salvador, a Faculdade de Medicina da Bahia era uma das instituições de ensino superior mais renomadas e tradicionais do Brasil. Foi ali que Juliano Moreira se formou (1891) e também se tornou professor na Cadeira de Psiquiatria e Neurologia (1896) em um concurso que ficou marcado na história da Faculdade.

No discurso de posse, Juliano Moreira não se fez de rogado, muito menos suavizou a experiência que tinha acabado de viver. Hábil com as palavras, o novo professor discursou direcionando-se à Mocidade Acadêmica, pronunciando uma mensagem relativamente clara para a elite escravocrata e racista que

ocupava boa parte das Cátedras da Faculdade de Medicina da Bahia. Ali era possível observar como Juliano entendia a si próprio, tanto no que diz respeito à sua índole, como à forma como compreendia sua inserção social. Já no final de sua fala, Juliano sublinhou que:

> A quem se arreceie de que a pigmentação seja nuvem capaz de marear o brilho desta Faculdade, me parece estar vendo a imagem fulgurante da Pátria Brasileira, qual a heróica e gloriosa Cornélia, a mãe dos Gracchos, a mostrar a serena e majestosa entre as suas jóias mais preciosas as gemas coloridas que valorizam o diadema que lhe aureola a fronte: desde Gonçalves Dias e Gonçalves Crespo a espargirem os esplendores maravilhosos da beleza de seus versos até Tobias Barreto, deslumbrante e glorioso, a irradiar os fulgores todos de sua pujante, indômita e vivaz mentalidade, eternizada nas reminiscências de seu ensino sadio e proveitoso e nas fúlgidas e peregrinas concepções de suas obras duradouras.
>
> Em dias de mais luz e hombridade, o embaceamento externo deixará de vir à linha de conta. Ver-se-á que só o vício, a subserviência e a ignorância são que tisnam a pasta humana quando a ela se misturavam ganhando-lhe o íntimo e aí inviscerando o mal, com todas as suas cáusticas e minimazes incongruências. A incúria e o desmazelo que petrificam, a hipocrisia, a baixeza e a desfaçatez que desmoralizam, sim dão àquela massa

> humana aquele outro negror que a torna incapaz de fornecer irradiações.[1]

O recado estava dado. Para Juliano, a cor da sua pele em nada diminuiria a importância da Faculdade que acabava de recebê-lo em seu corpo docente. Somente o vício e a ignorância eram atributos que poderiam macular a instituição. E nenhum deles poderia ser utilizado para caracterizá-lo.

Além da sua importância simbólica, aquele 9 de maio de 1896 trouxe mudanças expressivas em sua vida. Uma delas foi a estabilidade financeira, o que permitiu que ele se dedicasse ainda mais à docência. Cumprindo o que prometera para a Mocidade Acadêmica, o ilustre médico mostrou-se um professor dedicado, uma marca que carregaria pelo resto da vida. Mergulhado nos estudos sobre Psiquiatria, passou a frequentar com mais assiduidade seu já conhecido Asilo São João de Deus, local em que boa parte das aulas práticas eram ministradas. Ali, além das discussões sobre as práticas psiquiátricas, Juliano debatia temas correlatos. Leitor fervoroso e cientista antenado, Juliano Moreira foi um dos primeiros brasileiros a ler e debater o livro A Interpretação dos Sonhos, de Sigmund Freud, publicado em 1899. Sendo assim, o psiquiatra foi também o responsável pela

1 MOREIRA, Juliano. *Discurso proferido pelo Dr. Juliano Moreira no acto de sua posse do lugar de Lente Substituto da 12a, secção da Faculdade de Medicina da Bahia em 9 de julho de 1896*. Salvador: Litho-Typo. e En. a vapor V. Oliveira & Companhia, 1896, p. VIII-IX.

introdução da Psicanálise no Brasil, aplicando anos mais tarde alguns dos seus pressupostos no tratamento aos doentes mentais.

O Asilo São João de Deus ficava localizado no Solar da Boa Vista, no distante bairro de Brotas em Salvador. Um edifício que havia sido construído no século XVIII, adquirido pela família do poeta Castro Alves e, em 1874, transformado em hospício sob a administração da Santa Casa de Misericórdia. Como uma instituição que esteve intimamente ligada à história da Psiquiatria na Bahia e no Brasil, o Asilo tinha uma estrutura que refletia o olhar que até então era lançado para os doentes mentais que, grosso modo, eram aprisionados lá em celas lotadas. Tais condições já haviam sido denunciadas no relatório que Juliano publicara em 1895. No entanto, mesmo oferecendo algumas possibilidades de melhorias com embasamento científico, enquanto foi professor da Cadeira de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Bahia, Juliano Moreira não testemunhou nenhuma mudança significativa nas instalações e no tratamento dado aos pacientes daquela instituição.

Figura 7 – Azylo São João de Deus - Bahia, (c1875)
Fonte: Guia Geográfico Cidade do Salvador

Nota: postal de J.Mello colorizado circulou como selo brasileiro em 1904. O edifício, que havia pertencido ao pai de Castro Alves, ficava no subúrbio de Salvador, e em 1874 foi transformado no Asilo vinculado à Faculdade de Medicina da Bahia. O Asilo funciona até hoje com o nome Hospital Juliano Moreira.

A estabilidade alcançada como médico na Faculdade de Medicina da Bahia também permitiu que Juliano Moreira se dedicasse com mais profundidade à pesquisa científica. No ano de 1899, após uma licença concedida pelo Ministério do Interior, o médico iniciou uma série de viagens ao exterior para participar de congressos, conhecer universidades e clínicas psiquiátricas, além de tratar da sua saúde – o empenho do jovem médico havia-lhe custado muitas noites de sono, o que facilitou que contraísse tuberculose, o mal do século.

Entre os anos de 1899 e 1901, Juliano fez algumas visitas à Europa, todas elas ligadas à sua atuação versátil como médico. Visitou o laboratório Dermatologium na Alemanha, local em que estudou com mais profundidade uma doença muito frequente na população negra, o que resultou numa publicação em uma revista especializada alemã. O psiquiatra também conheceu diversas clínicas psiquiátricas ligadas às universidades na Inglaterra, França, Escócia e Alemanha. Ficou particularmente interessado no que viu nas universidades de Leipzig – primeira instituição a ensinar clinicamente as moléstias mentais –, Halle (cujas instalações da clínica não possuíam grades) e Wursburg, local em que o médico pôde verificar de perto as vantagens que um laboratório de química poderia representar para os estudos psiquiátricos. Como se verá mais adiante, o contato com essas clínicas e com o novo modelo de tratamento desenvolvido por diferentes profissionais alemães (sobretudo a clinoterapia) teve grande impacto na forma como Juliano Moreira passou a pensar e tratar a loucura.

Como consta no Relatório do Ministério da Justiça, em outubro de 1900, ele obteve licença para ir a Berlim aperfeiçoar seus estudos sobre lepra. Sua licença foi estendida, pois ele também participou do XIII Congresso Internacional de Medi-

cina e Cirurgia que ocorreu em Paris em meio à Exposição de 1900. Nesta ocasião, além de lamentar que as sessões de Psiquiatria e Neurologia estivessem separadas, Juliano também fez uma resenha sobre o IV Congresso Internacional de Dermatologia e Sifiligrafia, que acontecia em Paris concomitantemente ao Congresso Internacional de Medicina. Juliano chegou, ainda, a fazer uma comunicação sobre medicamentos no combate à lepra, embora seu interesse sobre Psiquiatria crescesse cada vez mais.

Mesmo com uma agenda lotada, na qual seu fervor profissional e intelectual rivalizava com sua debilitada condição de saúde, Juliano Moreira encontrou tempo para fazer uma breve visita a um vilarejo na Itália. Engana-se quem pensa que o médico aproveitou a ocasião para tirar férias e conhecer o interior italiano. O ávido pesquisador, que na sua tese inaugural já havia repudiado cientificamente qualquer determinação racial no surgimento de doenças mentais ou infecciosas, mais especificamente no caso da sífilis, havia entrado numa peleja científica com ninguém menos do que Nina Rodrigues. Sendo assim, para entender as razões que levaram Juliano Moreira a passar alguns dias na Itália, é preciso recuar um pouco no tempo e voltar para os corredores da Faculdade de Medicina da Bahia no Terreiro de Jesus.

Nina Rodrigues, o médico com o qual Juliano Moreira havia entrado em desacordo, tinha nascido na província do Maranhão em 1862 e se tornado um dos mais importantes médicos brasileiros de seu tempo. Seu destaque se deu, justamente, na área da Medicina Legal, especialização na qual se tornou referência nacional. Inspirado nas ideias de Cesare Lombroso e Wilhelm Wundt, Nina Rodrigues se transformou em um expoente do racismo científico, defendendo que a mestiçagem (mistura entre raças) era a principal causa de degeneração da população brasileira, bem como a chave para compreender a predisposição desses mesmos indivíduos mestiços para o crime. Considerado o fundador da Antropologia Criminal brasileira, Nina Rodrigues afirmava que o estudo dos tipos raciais era fundamental na área da criminalística, e chegou a propor uma reforma no conceito de criminalidade penal tendo em vista o fato (defendido por ele) de que as diferentes raças humanas tinham propensões distintas para cometer crimes, bem como para determinados tipos de doença, inclusive (e talvez sobretudo) a loucura.

Juliano Moreira fora aluno de Nina Rodrigues na Faculdade de Medicina da Bahia, o qual ocupara as Cadeiras de Medicina Pública e de Medicina Legal, e do respeito mútuo nasceu um coleguismo entre eles, principalmente após a entrada de

Juliano como professor da mesma Faculdade. A contenda entre os dois ocorreu quando ambos discutiam o caso de paranoia de um jovem mestiço, filho de um italiano com uma mulher negra brasileira. Nina Rodrigues foi taxativo ao atribuir a doença mental do jovem à sua mestiçagem. No mesmo momento, Juliano Moreira apresentou sua discordância, argumentando que o exame feito pelo colega era muito superficial.

Tal discordância pode parecer banal, mas não era. Nela, é possível analisar toda a ideologia de um período que, como já pontuado, acreditava que a mestiçagem era responsável por inúmeras doenças. Juliano Moreira sabia que, ao se opor a Nina Rodrigues, estava rechaçando todo um modelo explicativo que, na época, era o mais aceito no meio científico. Ambos mantiveram suas posições e, mesmo com o passar do tempo, Juliano não esqueceu do caso. Como ele próprio descreveu em 1908, no artigo "Querelantes e Pseudoquerelantes":

> Tendo mostrado esse doente ao Professor Nina Rodrigues, achou ele no caso mais uma prova de que a mestiçagem é um fator degenerativo. Ora, tendo eu sempre me oposto a esta maneira superficial de ver o problema, aproveitei uma longa estada na Europa para examinar os parentes de A.P.D. que tinham ficado na Europa livres de tal mestiçagem. Apurei o seguinte: o velho pai de nosso doente tivera dois irmãos e uma irmã. Dos

> primeiros, um também partiu para a América desertando das fileiras do exército. Dele não se sabe notícias. O outro, imbecil, ébrio habitual, turbulento, muito supersticioso, esteve preso duas vezes por ter ofendido fisicamente duas velhas [...] casou-se e teve dois filhos, ambos imbecis. A irmã epiléptica teve três filhos: um também epiléptico, um imbecil e o terceiro homicida, supõe-se que também epiléptico [...]. Vê-se que o ramo europeu da família, livre da mestiçagem, em nada foi superior ao ramo mestiço brasileiro.[2]

Logo se vê que, na primeira oportunidade, Juliano Moreira foi para a Itália em busca da família paterna do jovem de quem ele cuidara. Ao chegar ao vilarejo, ele constatou inúmeros casos de paranoia nesse tronco familiar de seu paciente, justamente a parte da família que não havia passado por misturas raciais. A empiria uma vez mais comprovava que, mesmo sendo uma voz dissonante, o exame preciso do médico o fazia refutar o racismo que imperava no discurso médico, em especial no olhar que era lançado para a miscigenação dos brasileiros em geral. Esse caso ficou tão famoso no meio médico brasileiro que, na homilia em homenagem a Juliano Moreira na ocasião de sua morte em 1933, Roquette-Pinto disse que:

---

2 MOREIRA, J. Querelantes e pseudo-querelantes. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*. Rio de Janeiro, v. II, n. 4, 1908, p.431).

> [...] foram também das honestas preocupações de Juliano Moreira a Antropologia, a Etnologia e a História. A curiosidade espiritual é a mais saliente das características que definem as grandes almas. Ele era assim mesmo enamorado da Música e das Ciências Naturais. Discípulo querido da escola de Nina Rodrigues, em matéria de Antropologia, deixou longe o mestre, no que diz respeito às teorias relativas à seriação das raças e aos cruzamentos. Nesse particular, esboçou um esquema dos nossos tipos antropológicos, chave que, se não pode ser aceita integralmente, desenha nítida orientação, segura e marcada apoiada em verificações objetivas.[3]

A discordância com Nina Rodrigues e, consequentemente, com todo o esquema explicativo baseado no racismo científico não abalou a respeitosa relação entre ambos, muito menos maculou a boa reputação que Juliano tinha entre seus pares. Ainda que passasse boa parte do dia sozinho, em meio aos seus livros, o psiquiatra era um entusiasta do trabalho em equipe. Seus anos como professor da Faculdade de Medicina da Bahia coincidiram com sua maior participação na revista Gazeta Médica da Bahia. Fundado em 1866, este periódico se tornou um dos meios de publicação científica mais respeitados

3 ROQUETTE-PINTO, E. Discurso: à memória de Juliano Moreira. Fundador e presidente da Academia: ata de sessão ordinária de 23 de maior de 1933. *Annaes da Academia Brasileira de Sciencias*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jan. 1933, p. 86.

do Brasil, tendo participado dele médicos que ficaram conhecidos como Escola Tropicalista Bahiana. Além de publicar parte de suas pesquisas nessa revista, após o retorno de sua viagem à Europa, Juliano Moreira assumiu o cargo de redator principal da Gazeta, assinando os editoriais e redefinindo sua estrutura. Embora seu nome constasse como redator até 1906, Juliano ficou no cargo de forma efetiva até o ano de 1902.

Figura 1: Juliano Moreira (quinto da esquerda para a direita) e Silva Lima (quarto da esquerda para a direita), Bahia, entre 1896 e 1902. (Arquivo pessoal de Fátima Vasconcelos)

Figura 8 – Juliano Moreira (quinto da esquerda para a direita) entre colegas de profissão (c1896-1902)
Fonte: Arquivo pessoal de Fátima Vasconcellos

As discussões de casos clínicos com seus colegas, bem como os afazeres da Gazeta médica não preenchiam totalmente as expectativas profissionais de Juliano. Isto porque a empolgação que ele sentira ao conhecer os novos tratamentos destina-

dos aos doentes mentais nas clínicas europeias, principalmente nas da Alemanha, não encontrava eco na realidade que presenciava cotidianamente no Asilo São João de Deus. As críticas feitas desde 1895 pareciam não sensibilizar as autoridades responsáveis pela administração da instituição, que não acataram nenhuma das propostas de mudanças feitas por Juliano durante os seis anos em que ministrou as aulas práticas da Cadeira de Psiquiatria e Doenças Nervosas no Asilo. Para o médico baiano, a frustração era grande. Não só porque as autoridades faziam ouvidos moucos aos seus apelos, mas também pelo fato de suas propostas de mudança serem razoáveis e factíveis, como bem demonstrava o Asilo de Juquery em São Paulo, que, segundo Juliano Moreira, era a instituição brasileira destinada aos doentes mentais que se encontrava mais bem equipada. Decepcionado e de mãos atadas, no ano de 1902, foi para o Rio de Janeiro acompanhar o embalsamento do corpo de Manuel Vitorino, importante médico baiano que havia sido vice-presidente da República entre os anos de 1894 a 1898. Aquilo que parecia ser uma rápida visita ao Distrito Federal acabou por transformar a vida de Juliano Moreira e a história da Psiquiatria no Brasil.

Ao que tudo indica, fora sua falta de esperança em ver a aplicação de tratamentos modernos no Asilo São João de Deus que fez com que ele se mudasse para o Rio de Janeiro,

abrindo mão da sua carreira como professor da renomada Faculdade de Medicina da Bahia para ter uma vida pacata no bairro de São Cristóvão, local em que abriu um consultório. Todavia, seus meses de anonimato duraram pouco na capital do país: no dia 25 de março de 1903, graças à indicação de seu colega e conterrâneo Afrânio Peixoto, Juliano assumiu a direção do Hospício Nacional de Alienados. Argumentos técnicos não faltavam para que Afrânio Peixoto, seu admirador confesso, convencesse o ministro José Joaquim Seabra de que Juliano Moreira era a pessoa certa, na hora certa, para assumir o Hospício Nacional. Ainda que sua competência como psiquiatra fosse notória, ele recebeu o convite do Ministério do Interior com certa desconfiança, pois, além de ser relativamente novo no Rio de Janeiro e distante do jogo político daquele período, como leitor assíduo que era, os poucos meses como residente no Rio de Janeiro já indicavam que a direção do Hospício Nacional seria uma tarefa quase hercúlea.

Leitores atentos dos jornais que circulavam na capital federal nos primeiros anos do século XX se depariam inúmeras vezes com referência ao Hospício Nacional de Alienados. Isto porque a loucura parecia ser algo quase que corriqueiro no cotidiano da cidade:

> Ontem, às 9 horas da noite, foi apresentada ao inspetor Osório, de serviço na 6a. delegacia urbana, por Manuel Dias Braga, morador da Rua Polyxena, no. 46, a nacional Antonia Candida, sua sogra, casada, de 36 anos de idade, a qual foi acometida de um forte ataque de loucura.
>
> Acompanhada do ofício do delegado respectivo, foi logo removida a infeliz louca, em camisola de força e carro da Assistência Policial, para a polícia central, de onde, hoje, depois de examinada pelos médicos legistas da polícia, seguirá para o Hospício Nacional dos Alienados.[4]

O acontecimento acima foi descrito na coluna "Louca" do Jornal do Brasil, que geralmente apresentava situações de surtos (muitas delas vividas por mulheres), histórias cujos desfechos ocorriam, justamente, no Hospício Nacional. No entanto, para além dos casos que poderiam compadecer e prender a atenção dos leitores, era frequente que o Hospício Nacional entrasse para estatísticas mais alarmantes, com o grande número de falecimentos noticiados nos obituários dos principais periódicos do Rio de Janeiro. Tal frequência era um dos sintomas de uma situação que há muito tempo vinha trazendo dor de cabeça para as autoridades que governavam a cidade: por uma somatória de problemas administrativos, bem como pela aplicação de políticas públicas higienistas, a instituição havia se superlotado, sem con-

4 JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 13 jan. 1902.

dições de oferecer tratamento adequado aos doentes que para lá eram encaminhados – muitos dos quais não saíam vivos de suas internações – e com gastos altíssimos para os cofres públicos. Logo se vê que a desconfiança com a qual Juliano Moreira recebera o convite tinha suas razões.

Aceitar o cargo de diretor do Hospício Nacional de Alienados só teria sentido se o médico pudesse empreender boa parte das reformas que ele já havia mostrado serem necessárias quando trabalhara no Asilo São João de Deus, na Bahia. Sendo assim, mais do que organizar as questões administrativas do local, Juliano ansiava por aplicar os novos modelos de tratamento que ele conhecera nas suas viagens para a Alemanha. Isso significava transformações estruturais no Hospício, tanto do ponto de vista arquitetônico, como dos usos sociais atribuídos àquele espaço. Vendo em retrospectiva, não seria exagero dizer que esta seria tarefa para uma vida inteira.

Juliano e a Reforma Psiquiátrica no Brasil

Considerado por muitos como o pai da Psiquiatria no Brasil, não seria exagero afirmar que a grande obra de Juliano Moreira foi justamente a reforma psiquiátrica brasileira, iniciada no Hospício Nacional a partir de 1903. Vale dizer que os problemas com os quais ele teve que lidar na condição de diretor do Hospício Nacional dos Alienados estavam diretamente ligados à importância e à simbologia que aquela instituição tinha na história do tratamento de doenças mentais e nervosas no Brasil. Sendo assim, para compreender o tamanho e o significado das mudanças implementadas por Juliano Moreira, é fundamental recuar no tempo e entender um pouco a história dos alienados no Brasil, uma tarefa que ele próprio fez com a maestria que lhe era peculiar:

> Através de todo período colonial, os alienados, os idiotas, os imbecis foram tratados de acordo com suas pos-

> ses. Os abastados e relativamente tranquilos eram tratados em domicílios e as vezes enviados para a Europa [...]. Se agitados, punham-nos em algum cômodo separado, soltos ou amarrados conforme a agitação. Os mentecaptos pobres e tranquilos vagueavam pelas cidades, aldeias ou pelos campos [...] mal nutridos pela caridade pública. Os agitados eram recolhidos às cadeias, onde barbaramente amarrados e piormente alimentados.1

Neste trecho do relatório enviado para o ministro J.J. Seabra em 1905, Juliano Moreira fez alguns apontamentos sobre a história do tratamento dado a essas doenças no Brasil. Sua análise corrobora o que já foi dito anteriormente: era muito recente a preocupação do Estado com os cuidados daqueles considerados loucos. Durante todo o período colonial, o tratamento dado a esta condição não tinha lugar certo. Era comum que famílias expulsassem "seus loucos" de casa, fazendo com que a rua fosse o destino de boa parte deles, principalmente aqueles que eram pobres e marginalizados, como bem ressaltou Juliano Moreira.

Até meados do século XIX, o cuidado deles ficou a cargo de alguns hospitais de Ordens Terceiras e, sobretudo, da Santa Casa de Misericórdia. Fundada em 1498 em Lisboa, a Santa Casa era uma confraria de leigos que se tornou uma ins-

1 MOREIRA, J. *Relatorio apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil pelo Dr. J. J. Seabra Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores em março de 1905.* v. II – Directoria do Interior. Primeira Parte. Annexo E. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905, p. 4.

tituição fundamental na administração do império português. Com a colonização da América, tal confraria se fez presente, abrindo filiais em diferentes partes do território, como uma forma de garantir que o controle da assistência pública ficasse nas mãos da Monarquia. Auxílio no tratamento de doentes (incluindo os mentais), cuidado de crianças órfãs e prisioneiros, bem como o sepultamento eram as principais atividades exercidas por essa confraria em ambos os lados do Atlântico. Ao longo do século XVIII, o significativo aumento populacional, assim como o aprofundamento dos problemas socioeconômicos decorrentes da "febre do ouro" e da intensificação do uso da mão de obra escrava durante o advento da mineração fizeram com que a Santa Casa ampliasse os serviços prestados: a instituição passou a contar também com hospital e igreja em suas instalações.

No caso específico do Rio de Janeiro, a elevação à condição de Corte do Império português em 1808 e de capital do Império do Brasil em 1822 fez com que a Santa Casa de Misericórdia tivesse um papel ativo no cotidiano da cidade, cada vez mais populosa: aquela que se transformou na maior cidade escravista das Américas também foi o logradouro de muitas pessoas acometidas pelos mais diferentes tipos de doenças mentais e "mazelas da alma".

Nos primeiros anos do século XIX, as instalações destinadas aos doentes mentais eram muito semelhantes às prisões públicas daquele mesmo período: celas pequenas e gradeadas que ficavam apinhadas de gente. Na maior parte dos casos, eram tantas as pessoas recolhidas na Santa Casa que não havia nenhuma separação efetiva entre os doentes do hospital com aqueles que eram considerados loucos. Como bem lembrado por William Oliveira, menos preocupada com a possível cura ou o tratamento adequado aos doentes mentais, a Santa Casa de Misericórdia se apresentava como uma espécie de depósito daqueles que não se comportavam de acordo com as leis municipais da época, leis estas que garantiam à polícia o direito (e o dever) de retirar das ruas os loucos e embriagados que causavam transtorno no espaço público.

Ao rememorar este período da história dos alienados no Brasil, os médicos Austregolise e Gutozzo escreveram em 1905 no jornal Leitura para Todos:

> Como estamos longe da época em que os loucos eram atirados às escuras células da Santa Casa de Misericórdia, expostos às chacotas e às provocações dos curiosos!
>
> Como estamos longe da época em que, ao lado desses cubículos de tortura, sem luz, sem ar, estava o tronco, a que eram atados os escravos surpreendidos em faltas, escravos que pertenciam àquela casa de caridade. [...]

> Outrora os guardas e enfermeiros eram indivíduos de baixa índole, escolhidos dos presídios; iam tratar dos loucos como se lhes fosse imposta a eles guardas uma pena cruel, semelhante à pena de morte.
>
> Os bárbaros enfermeiros – criminosos, de corações duros, vingavam suas prisões no azorrague que retalhava o corpo já martirizado do inocente louco.[2]

Para quem imagina que os dois médicos possam ter carregado na tinta de sua descrição com o intuito de chamar a atenção para as melhorias promovidas por Juliano Moreira no tratamento aos doentes mentais, é importante pontuar que havia certa unanimidade da classe médica em classificar como, no mínimo, calamitosa a situação dos alienados na Santa Casa de Misericórdia, localizada na área central do Rio de Janeiro. Os loucos, que ficavam confinados nas celas do andar térreo, conviviam com os demais doentes internados no hospital, e também estavam sujeitos a todo tipo de chacotas feitas pelos transeuntes. Além das péssimas condições de higiene, a violência era frequentemente empregada por aqueles que deveriam cuidar dos loucos e da loucura. Estes doentes estavam entregues a equipes que não tinham preparo para cuidar de suas mazelas. Como um importante historiador da ciência no Brasil, o próprio Juliano

2 LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, 1905, n. 1, p. 34.

Moreira chegou a descrever que, nos corredores da Santa Casa do Rio de Janeiro, ocorreram sessões de exorcismo feitas nesses pacientes que, sem um diagnóstico bem feito, mais pareciam estar sob feitiço de entidades malignas.

Esta situação começou a mudar antes de seu tempo lá, na década de 1830: no ano de 1835, o médico francês José Xavier Sigaud publicou o "Reflexões acerca do transito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro" publicado no Diário de Saúde em 1835. Neste documento, Sigaud perguntou:

> Quem não viu, ou não ouviu falar, de um desgraçado ator, que depois de atravessar a cidade em uma sege, puxada a quatro, foi a São Cristóvão, e na volta se pôs a mergulhar no tanque do chafariz da lagoa da sentinela, nu e com a roupa debaixo do braço? Quem não o encontrou nas ruas, cortejando todos os homens de casaca, fazendo parar o ministro da França para pedir-lhe que apresentasse seus cumprimentos a seu compadre Luiz Filippe, e trincando, no entanto, uma bolacha envolvida em trinta e quatro capas de papel pardo? Quem não se recorda do assalto em forma que ele sustentou em seu domicílio? Se quereis fatos mais recentes, mas diários, passem pela rua nova do Ouvidor! Aí pasmareis à vista de um velho alto, com o braço estendido para fora da porta, na atitude dum mendigo, com a boca meio aberta deixando escapar uma torrente de palavras sem nexo nem seguimento! Ah! Se este espetáculo vos apresenta pouco interesse dramático, ide a Mata-Porcos, e aí, no

> período lunar, tereis ocasião de ver um infeliz a quem a razão abandona dois ou três dias em cada mês.[3]

Sigaud descreveu outros casos com o propósito de defender que:

> No Hospital da Misericórdia, o pequeno recinto destinado para os doidos obsta que se os possa classificar segundo a natureza da loucura, e entretanto todos sabem que para obter-se bons resultados do curativo é circunstância muito favorável o isolamento e a separação dos idiotas, dos furiosos, dos melancólicos, dos convulsionários. [...] No interesse moral da sociedade, uma casa de doidos é útil, mas ainda mais indispensável é no interesse dos infelizes maníacos, que são em geral inclinados ao suicídio. No espaço de alguns anos temos recolhido muitas observações de suicídio, produzido pela loucura de indivíduos abandonados a si, pela maior parte solteiros, ou estrangeiros sem família, por falta de uma vigilância que houvera impedido uma morte fatal.[4]

O médico francês não se fez de rogado e apresentou abertamente a relação por ele observada entre a loucura e o suicídio. Não se tratava de maldizer a caridade da Santa Casa de Misericórdia, e sim de tentar sensibilizar as autoridades para sua questão central: a necessidade de uma instituição específica

3 SIGAUD, J. F. X. Reflexões sobre o trânsito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. *Diário de Saúde*, Rio de Janeiro, 1835, p. 7.

4 Ibidem, p. 8.

e especializada no tratamento dessa condição. Sigaud não era o único a defender a construção de um hospício. Três anos depois, quando o advogado José Clemente Pereira se tornou o provedor da Santa Casa de Misericórdia, a necessidade de espaços específicos para o tratamento da loucura também estava em sua agenda de propósitos. Sob sua administração, além de mudanças nas finanças da Santa Casa, inúmeras reformas foram implementadas, como a introdução de água encanada nas diferentes repartições e o importante processo de especialização dos espaços: seu cemitério foi transferido para a região do Caju, os expostos – crianças abandonadas em instituições de caridade, cujos pais não tinham possibilidade de criá-los – foram transferidos para Santa Tereza em 1850, depois para a Lapa em 1860 e. por fim, para o Flamengo em 1911 e o Recolhimento também foi desmembrado em diferentes prédios que pertenciam à instituição.

Fazendo uso de sua importância social e política, Clemente Pereira levou a urgência da criação de um estabelecimento específico para os alienados (experiência que já existia em cidades europeias) para o alto escalão da política. No ano de 1841, D. Pedro II autorizou a criação de um hospício para eles, a primeira instituição dessa natureza no Brasil, fato que entrou na lista das comemorações da coroação do imperador naquele mesmo ano. O local foi construído numa chácara pertencente

à Santa Casa de Misericórdia, localizada na Praia Vermelha. O dinheiro para a construção do edifício foi arrecadado graças a uma doação do próprio imperador, bem como de donativos feitos por "cidadãos de bem", que, em troca, foram recompensados com condecorações e títulos. As obras foram iniciadas em 1842 e dez anos depois, em 1852, o Hospício D. Pedro II foi inaugurado no dia 5 de dezembro, com capacidade para 144 enfermos. A solenidade contou com a presença do monarca em pessoa, assim como do provedor da Santa Casa de Misericórdia e de outras importantes autoridades médicas da cidade.

Figura 9 – Hospício Pedro II - Praia Vermelha (1856)
Fonte: Bertichem / Lithographia Imperial de Eduardo Rensburg
Nota: Inaugurado em 1852, este foi a primeira instituição destinada aos alienados no Brasil, a segunda na América Latina.

Além de um espaço específico para o tratamento da loucura, a Santa Casa de Misericórdia passou a contar, no mesmo ano, com o trabalho das irmãs de caridade da Ordem de São Vicente de Paula, vindas de Paris. Essa inovação feita por Clemente Pereira ampliou o número de pessoas destinadas a auxiliar os médicos que tratavam dos alienados, mas também representou uma forma de o provedor da Santa Casa garantir um maior controle da instituição ante o avanço do saber médico no Brasil Império, vide o fato de as irmãs de caridade terem ficado no controle dos quatro serviços básicos da instituição: administrativo, sanitário, econômico e religioso. A forte presença delas na administração acabou se tornando um fator de embate com os médicos que trabalhavam lá e que, em tese, deveriam ser os responsáveis pelos serviços sanitários – como previa o Decreto nº 1.077 de dezembro de 1852. Os conflitos entre elas e os médicos do Hospício acabaram dificultando a implementação dos modelos de tratamento importados da França – mais especificamente aqueles que foram desenvolvidos por Esquirol e Pinel –, considerando que as irmãs acreditavam na força da caridade e da religião no tratamento das doenças mentais.

A situação mudou apenas na década de 1880 quando a reforma do ensino médico fez com que fosse criada a Cadeira

de Psiquiatria nas Faculdades de Medicina do Brasil. No Rio de Janeiro, Nuno de Andrade iniciou sua batalha contra o monopólio exercido pelas irmãs no Hospício D. Pedro II. Ao assumir a Cadeira de Psiquiatria e a direção do Serviço Sanitário do Hospício, Nuno de Andrade solicitou que se fizesse cumprir o regulamento da instituição, que garantia aos médicos a chefia nos cuidados dados aos alienados. Graças a este embate, ele acabou sendo desligado da instituição. Teixeira Brandão, que assumiu a chefia do Hospício em 1884, deu um novo ânimo na luta da prática médica pelo tratamento dos doentes mentais. O psiquiatra iniciou uma verdadeira campanha pública, denunciando a superlotação do Hospício, bem como a falta de assistência aos pacientes pobres: assim como ocorria no período colonial, aqueles que não tinham como pagar pela internação acabavam nas ruas da capital do Império, sendo tratados como criminosos e mendigos, uma prática que remetia aos anos anteriores à construção dessa instituição. Defensor dos métodos desenvolvidos pelo psiquiatra francês Esquirol, Teixeira Brandão conseguiu convencer as autoridades sobre a importância da criação de colônias rurais, nas quais os doentes mentais também pudessem trabalhar. Seus pedidos foram ouvidos, e no começo de 1889, na Ilha do Governador no Rio de Janeiro, foram criadas as colônias de alienados de São Bento e Conde de Mesquita.

Com a Proclamação da República em 1889, a situação do Hospício D. Pedro II mudou de figura: por meio do Decreto nº 142-A de janeiro de 1890, o Hospício foi desvinculado da Santa Casa de Misericórdia, tendo sua administração passada para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores, que rebatizou a instituição como Hospício Nacional dos Alienados. A desvinculação era, em parte, uma vitória da classe médica. Todavia, havia um problema imediato a ser sanado: a saída das irmãs de caridade representava também a falta de pessoas minimamente preparadas para trabalhar com os doentes mentais. No mesmo ano, foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras nas dependências do Hospício. Entretanto, esta escola só passou a funcionar 15 anos depois. A falta de mão de obra qualificada para cuidar dos alienados continuaria a ser um problema até que Juliano Moreira assumisse a direção do Hospício.

A saída da Santa Casa da administração de tal instituição marcou um grande avanço no processo de medicalização do tratamento dos doentes mentais. Para citar uma inovação, ainda em 1890, como parte das mudanças trazidas pela Proclamação da República, foram criadas as colônias para alienados da Ilha do Governador. Tais colônias seguiam o modelo francês de open door, o que ampliou ainda mais a atuação dos médicos no tratamento dos doentes mentais. O número de pacientes nas

instituições destinadas ao tratamento das doenças nervosas também cresceu significativamente nos últimos anos do século XIX. De acordo com Teixeira Brandão, durante os cinco primeiros anos da República, o Hospício Nacional já tinha recebido praticamente a mesma quantidade de internos que houve durante os 50 anos em que esteve sob o comando da Santa Casa no período imperial. Este aumento de alienados era visto de forma positiva pelo psiquiatra, que entendia como sendo fundamentais os cuidados médicos para aqueles que tivessem qualquer diagnóstico que demonstrasse que estes eram necessários. Todavia, como será visto mais adiante, esse crescimento também estava intimamente relacionado com o papel que a classe médica passou a exercer na implementação de políticas públicas no Brasil.

Ainda que o processo de medicalização das doenças mentais nos anos finais do século XIX e no começo do século XX crescesse a olhos vistos, parte das mudanças acarretadas pela maior presença da prática médica em diferentes áreas da sociedade nem sempre foi bem recebida. Episódios que se tornaram clássicos na história brasileira, como a Revolta da Vacina em 1904, já apontam uma série de descontentamentos nesse sentido. Na própria história do Hospício Nacional, também é possível observar um movimento de resistência à proeminência do discurso médico: muitas pessoas, por exemplo, não viram com

bons olhos a saída das irmãs de caridade no ano de 1889. Em um discurso feito no Senado Federal em 1894, Leite de Oiticica, então senador pelo estado de Alagoas, fez um arrazoado de julgamentos e acusações à assistência aos alienados, com inúmeras críticas à administração laica do Hospício Nacional. Para ele, as péssimas condições da instituição – que muitas vezes lhe parecia um centro onde se encontravam as mais diferentes promiscuidades – eram fruto da incompetência do seu diretor, que fazia mau uso da verba que lhe era destinada.

Defensor ferrenho da volta das irmãs de caridade, Oiticica considerava que o Hospício não só sorvia o dinheiro público de forma criminosa, como também havia se tornado um "matadouro de desgraçados", no qual pessoas de diferentes classes sociais conviviam sem nenhum tipo de distinção ou critério, justamente numa instituição cujo regulamento interno previa a diferenciação no tratamento dado a depender da posição social da família do alienado. Para o senador, pior do que ser considerado louco era ser um interno no Hospício Nacional. Sendo assim, para Oiticica, a única saída possível seria reanexá-lo à Santa Casa de Misericórdia.

Essas acusações não eram infundadas. Conforme visto, o crescimento do discurso médico andou de mãos dadas com o avanço de políticas públicas que tinham como objetivo disciplinar

e ordenar a população. Um dos resultados deste duplo processo foi, justamente, o aumento da população "louca" que era levada para o Hospício pelas mãos – muitas vezes truculentas – da polícia. Com a lotação em nível máximo, pouca ou nenhuma fiscalização e falta de verba, era frequente que pacientes com diferentes doenças, pertencentes a classes sociais diversas e com idades distintas, convivessem sem nenhum tipo de cuidado maior.

Se a situação já não estava boa, a fuga de um alienado em 1896 causou uma grande crise pública na instituição. Muitos jornais passaram a denunciar as condições precárias que vigoravam no Hospício: superlotação, falta de enfermeiros e condições sanitárias calamitosas que, em diversos casos, levavam a óbito. Parte destas críticas foram reconhecidas pelo próprio diretor do Hospício, Teixeira Brandão, que apontava o dinheiro escasso como a razão principal para o caos que se instaurou no local. Graças à essa crise, ele saiu de sua direção em 1897, embora continuasse engajado na elaboração de políticas públicas para os alienados. Nos cinco anos seguintes, os novos diretores do Hospício Nacional continuaram encarando situações difíceis, que levavam a crer que a entidade estava em franca decadência. Em um relatório para o Ministério da Justiça, o então diretor Pedro Dias Carneiro lamenta o aumento do número de mortos na instituição. Segundo ele,

> No obituário, o marasmo concorreu também com o avultado número, já com moléstia da própria idade, em geral epiléticos degenerados, atróficos e paralíticos, já como resultado de insultos repetidos de algumas moléstias intercorrentes, máxime as do aparelho gastrointestinal. Reestabelecidos de um primeiro e segundo insultos, não havendo uma secção de convalescentes, onde, cercado de todos os cuidados, pudessem evitar os desvios de regime dietético e dos preceitos higiênicos, vão assim perdendo as forças, a resistência orgânica, até caírem num estado marasmático e sucumbirem.[5]

A solução para este problema, bem como para a melhoria geral do Hospício, já havia sido rascunhada pelo seu diretor, neste mesmo relatório:

> É a enterite, [...], a moléstia mais habitual do asilo de alienados, como consequência da falta de higiene individual desses pacientes que ingerem substâncias irritantes e muitas vezes estranhas à alimentação, e os próprios alimentos sem terem estes sofrido o conveniente preparo na cavidade bucal. Para circunscrever a tuberculose e a enterite seria preciso, além das medidas gerais de isolamento e outras concorrentemente, dividir os alienados em pequenos grupos, de modo a ser a vigilância exercida pelos empregados a mais completa possível. Com o número restrito, que temos, de empregados, do

5 CARNEIRO, P. D. *Relatório do diretor do serviço sanitário do Hospício Nacional de Alienados, Dr Pedro Dias Carneiro, Apresentado ao Diretor-Geral da Assistência Médico Legal de Alienados em Janeiro de 1901*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901, p. 189-190.

> serviço clinico, não se pode exercer vigilância regular sobre todos e em todos os seus atos, sobretudo exigindo alguns grupos cuidados especiais e constantes, como as crianças, seja qual for a sua forma de loucura, os epilépticos, os impulsivos e criminosos.[6]

No ano seguinte a este relatório, em 1902, o suicídio de um alienado nas dependências do Hospício detonou outra forte crise. Não era a primeira vez que um alienado tirava a própria vida. Entretanto, a forma como a morte havia sido planejada por ele era a prova cabal da já conhecida falta de vigilância e cuidado por parte de médicos e enfermeiros da instituição. Uma vez mais, esta ganhava as piores manchetes dos jornais do Rio de Janeiro.

Nesse mesmo ano, o ministro da Justiça e Negócios Interiores José Joaquim Seabra abriu um inquérito para apurar as irregularidades da instituição. A comissão, que tinha total liberdade de ação, era composta com os médicos Antonio Maria Teixeira, Carlos Fernandes Eiras e Egydio de Salles Guerra e com o farmacêutico Silva Araújo. Antes mesmo da data prevista, os "horrores" observados no Hospício foram reportados ao ministro, que recebeu um ofício no qual ficava evidente que não havia uma organização efetiva dos pacientes: mulheres, crian-

6 Ibidem.

ças e desvalidos eram encontrados nos mesmos espaços, independentemente do tipo de doença mental que possuíssem. A lotação era tamanha que não havia como aplicar os modelos de tratamento de Pinel e Esquirol, mesmo que houvesse concordância com os preceitos defendidos por estes dois psiquiatras. As oficinas, que tinham o objetivo de ajudar no tratamento dessas pessoas, funcionavam muito mal, sem regularidade alguma, o que mais uma vez comprometia a sanidade mental dos internos e internas dessa instituição.

Falta de condições de higiene nas instalações e ausência de critério na admissão de pacientes e funcionários foram outros aspectos levantados pela comissão, o que gerou um clima de animosidade entre os médicos que trabalhavam no Hospício: todos reconheciam as péssimas condições às quais os alienados estavam submetidos, mas ninguém assumia a responsabilidade pelo caos que se instalara. Sendo assim, não é de se estranhar que, menos de três meses depois de receber os resultados, o ministro J.J. Seabra tenha nomeado para a direção geral do Hospício um jovem médico baiano, recém-chegado à capital federal, tomando como garantia de sua competência e boa índole a palavra de seu conterrâneo Afrânio Peixoto. Em documento que este escreveu para o ministro, não havia dúvidas de que:

> Foi nesse deplorável estado, de que é memória sempre viva o relatório, que, por ato de 26 de março de 1903, nomeou V. Ex. Diretor do Hospício Nacional de Alienados ao Sr. Professor Juliano Moreira, docente de psiquiatria e doenças nervosas da Faculdade da Bahia, dando a seu civilizado conhecimento de assuntos da assistência a alienados o prestígio, sem vacilação, do veemente desejo que tem sempre animado pelo bem público.[7]

Em um quadro mais amplo, é importante não perder de vista que a nomeação e as ações de Juliano Moreira nos primeiros anos como diretor do Hospício Nacional dos Alienados andaram de mãos dadas com as políticas públicas colocadas em prática pelo presidente Rodrigues Alves. Nos quatro anos em que esteve no poder (1902-1906), este foi um dos presidentes brasileiros que gozaram de uma das mais fartas receitas públicas da Primeira República, graças à exportação da borracha brasileira. Tal situação econômica foi fundamental para que ele tivesse condições de implementar uma série de reformas baseadas nos princípios do higienismo. A famosa reforma de Pereira Passos, que representou uma verdadeira intervenção urbanística na cidade do Rio de Janeiro, foi feita durante seu mandato. Inspirada no plano de remodelação de Paris, nela foram realizados

7 PEIXOTO, A. *Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. J.J. Seabra (1904-1905)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905, p. 3.

o ordenamento da malha viária da capital brasileira, bem como a demolição de casarios antigos (muitos dos quais abrigavam inúmeros cortiços), o alargamento de ruas e a construção de avenidas amplas, que tinham por princípio garantir a boa ventilação de ar e, consequentemente, prezar pelas condições sanitárias adequadas.

Foi também no seu governo que Oswaldo Cruz assumiu o cargo de diretor geral da Saúde Pública, coordenando as campanhas de erradicação da varíola e febre amarela e garantindo a obrigatoriedade da vacina em escala nacional, o que acabou desembocando em uma série de movimentos populares e da Escola Militar que ficaram conhecidos como a Revolta da Vacina (1904). Em certa medida, a nomeação de Juliano Moreira em 1903 fez parte desse programa de governo que tinha o saneamento como uma das suas premissas, não medindo esforços para tanto. Na realidade, o que se observa nos primeiros anos da experiência republicana é uma aproximação significativa entre o discurso médico e as políticas públicas colocadas em prática por esta nova classe governamental. A Proclamação da República intensificou a ânsia das elites brasileiras na busca daquilo que era considerado civilizado e moderno (de acordo com os padrões europeus e estadunidenses). O principal caminho trilhado para esta civilização foi um intenso processo de controle, normati-

zação e medicalização da população brasileira, fosse por meio da obrigatoriedade de vacinas ou de internação em instituições hospitalares.

Sendo assim, não é de se estranhar que a nomeação de Juliano Moreira tenha representado o início de uma nova era na história do Hospício e do tratamento dado aos doentes mentais no país. Ele agiu rápido: em documentação endereçada ao ministro J.J. Seabra, fez uma série de apontamentos sobre os caminhos que a reforma deveria tomar. A primeira medida, "antes de tudo", como subscreveu Juliano, era "dotar o Brasil de uma lei geral de Assistência a Alienados."[8]

A imprensa carioca, que há muito estava atenta às mazelas destes pacientes, não se fez de rogada e acompanhou de perto essa fase do Hospício e os novos rumos que Juliano Moreira começou a traçar. Sua posse foi noticiada em diferentes jornais da cidade, assim como os primeiros movimentos que apontavam para mudanças importantes na instituição. Em dezembro de 1903, o jornal A Notícia comemorava que:

> O senado aprovou anteontem, em terceira discussão, o projeto de reforma do Hospício Nacional, excelentemente organizado por seu atual diretor, o ilustre Dr. Juliano Moreira e enviado, há meses, à Câmara dos Deputados, numa mensagem do Sr. Presidente da

8 MOREIRA, 1905b, p. 4.

> República. Como se vê, a reforma começa logo no caráter, na origem da lei que vem regendo o pio estabelecimento.
>
> [...] Dentro em pouco, será, pois, administrado segundo o espírito largo e adiantado de uma lei vinda do próprio Congresso, que, à maneira do que se faz pela França, Itália, Alemanha, é a da assistência dos Alienados.
>
> [...] Estava abandonada a obra de José Clemente à míngua de iniciativa, apesar dos esforços do ilustre Dr. Teixeira Brandão, e hoje não o está menos à míngua de recurso, ou antes à falta de zelo, de ordem, de apuração e distribuição, por parte do Tesouro, da sua renda e de seu patrimônio. Neste momento, o Hospício é nada mais que uma saudade do conforto, do carinho, do cuidado que, com os recursos da ciência de então, lhe dispensavam os homens que o dirigiam outrora.[9]

Como a notícia deixa transparecer, ainda havia muito o que ser feito para que o Hospício Nacional deixasse de ser uma saudade e recuperasse a dignidade de antes. Os primeiros passos dados por Juliano Moreira atestavam não só sua seriedade e seu conhecimento científico sobre a loucura, mas a visão mais ampla sobre a condição dos alienados. Conforme comemorado na notícia acima, dois projetos caminhavam conjuntamente: o projeto de lei que resultaria no Decreto Legislativo nº 1.132, de 22 de

9 A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 21 dez. 1903.

dezembro de 1903 e o projeto de reforma do Hospício. Contando com a participação efetiva de Juliano Moreira, tal decreto foi regimentado pelo presidente da República em 10 de fevereiro de 1904 e tinha como objetivo regulamentar a Assistência a Alienados por meio de 23 artigos. Grosso modo, esta lei acabou por ampliar o poder do Estado no controle dos doentes mentais tanto em estabelecimentos privados quanto públicos, garantindo a imposição de restrições às liberdades individuais dos pacientes. A partir de então, a figura do psiquiatra ganhou autoridade e autonomia dos assuntos relativos a esta condição no Brasil, algo que vinha sendo pleiteado há anos por meio da figura de Teixeira Brandão. Em verdade, a elaboração de uma lei específica para os doentes mentais fazia parte da ampla reforma que Juliano Moreira pretendia implementar na assistência a estes.

O que estava por trás dessa lei era o intuito de unificar os serviços da assistência aos alienados em todo o país, o que não aconteceu na prática por questões orçamentárias, pois a dimensão continental do Brasil e a falta de verbas tornou muito dispendiosa a fiscalização da lei nos diferentes estados brasileiros. Sendo assim, o Hospício Nacional tornou-se uma espécie de "menina dos olhos" das políticas públicas que coadunavam higienismo e doença mental. Provavelmente por isso Juliano Moreira teve carta branca para realizar uma série de mudan-

ças, que só foram possíveis graças ao incremento das receitas da instituição que, vale lembrar, foram parcas durante muitos anos.

A elaboração da lei era o primeiro de muitos passos que precisavam ser dados. Ainda no ofício em julho de 1903, Juliano Moreira apontou que:

> Tendo em vista o aumento de população da Capital Federal e as necessidades de receber doentes de outros estados, torna-se de mais em mais necessário alargar as dependências do Hospício e aumentar os alojamentos das Colônias para onde serão transferidos todos os alienados indigentes; capazes de trabalharem no serviço da lavoura, incontestavelmente o melhor meio de ocupar as atividades de alguns dentre eles.[10]

Em uma sociedade que impunha disciplina e normatização à sua população, era fundamental ter mais espaço para abrigar os "não normais". Mas isto não era suficiente. Reforçando o que já havia sido dito pelos diretores que o antecederam, era crucial que as instituições destinadas a estes pacientes tivessem seus espaços organizados com base nos diferentes tipos de doenças apresentadas pelos seus internos. Por isso, como descrito pelo Ministro da justiça, J.J Seabra em Relatório ao Presidente da República, Juliano Moreira sugeriu que "muito lucraria a Assistência se o Estado fundasse uma colônia especial para

10 MOREIRA, 1905b, p. 4.

epiléticos indigentes, visto a grande porção deles no Hospício e a maior ainda na detenção e em liberdade".[11] No entanto, o Ministro reforçou o ponto sublinhado por Juliano que afirmou categoricamente que "a fundação da colônia para epiléticos não dispensa a construção de dois pavilhões para comiciaes delirantes, um para cada sexo, nos terrenos do hospício".[12]

A setorização do Hospício também foi uma das pautas de Juliano. Além da separação entre homens e mulheres e da criação de um setor específico para as crianças, o médico também defendia que os alienados que tivessem doenças infecciosas, como a tuberculose, deveriam ficar separados dos demais. Outro ponto que lhe parecia central e que já havia sido trabalhado em seus artigos científicos anteriormente era a existência de laboratórios bioquímico e anatomopatológico no Hospício. Para ele, tais laboratórios serviriam para "armar os alienistas deste manicômio de recursos para melhor diagnosticarem e, portanto, conseguirem melhores resultados terapêuticos".[13] Pediatras, ginecologistas, oftalmologistas e dentistas também deveriam compor o quadro médico do Hospício junto com os psiquiatras. Ainda no mesmo ofício, Juliano Moreira apontou a necessidade de contratação de

11 SEABRA, J. J. *Assistência aos Alienados*. Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, pelo Sr. Dr. J.J. Seabra, Ministro de Estado e Justiça e Negócios Interiores. Março de 1904. Rio de Janeiro: Imprensa Sanciona, 1904, p. 329.

12 Ibidem.

13 Ibidem, p. 330.

pessoal para tratar das questões burocráticas da instituição, o que, segundo ele, tornaria a administração mais eficiente, ao mesmo tempo em que desincumbiria o diretor de tais funções, cabendo a ele apenas fiscalizar o trabalho dos seus subalternos.

As propostas de reforma feitas por Juliano Moreira seguiam os modelos de tratamento desenvolvidos pela Psiquiatria alemã, que, para muitos, eram considerados o que havia de mais moderno no assunto. Conforme visto, desde sua primeira visita à Europa, as clínicas psiquiátricas que funcionavam nas universidades da Alemanha haviam despertado o interesse de Juliano, que tentou, em vão, usá-las como exemplo na melhoria do Asilo João de Deus em Salvador. Com a nova envergadura do cargo que passou a ocupar a partir de 1903, Juliano Moreira iniciou a reforma no Hospício, abandonando os preceitos dos franceses Pinel e Esquirol – os quais defendiam o isolamento como condição indispensável para o tratamento – e adotando os princípios desenvolvidos pelos alemães.

Foi a partir dos ensinamentos do psiquiatra alemão Emil Kraepelin, com quem Juliano trocou diversas cartas, que ele traçou os rumos da reforma. Conhecido como o fundador da Psiquiatria moderna, Kraepelin defendia que as doenças psiquiátricas tinham origens biológicas e genéticas, sendo este mesmo responsável por descrever e classificar algumas dessas doenças.

Para ele, a condição dos doentes mentais exigia uma legislação específica, o que foi seguido pelo Brasil a partir do Decreto de 1903. Também fazia parte do modelo alemão a criação de uma escola psiquiátrica, uma garantia de que o ensino e a pesquisa sobre doenças mentais fossem realizados conjuntamente, e a adoção dos modelos de assistência open door, que permitiam uma maior liberdade aos pacientes.

Não por acaso, as primeiras medidas implementadas por Juliano Moreira tinham por objetivo desvincular a estrutura arquitetônica do Hospício daquela dos presídios. Para tanto, as grades de ferro que cercavam a instituição foram retiradas, bem como as persianas de uma ala destinada aos alienados em situação mais crítica; os pátios internos foram ajardinados, o que os tornou mais agradáveis; para tratar os problemas de higiene do Hospício, Juliano solicitou uma reforma em sua cozinha, que passou a contar com um sistema de vapor para o preparo dos alimentos; a lavanderia e o necrotério também tiveram melhorias; o novo diretor mandou instalar uma biblioteca destinada aos assuntos médicos e reformar a dos alienados, com títulos que ele mesmo havia escolhido; uma sala de jogos também foi criada para que os internos tivessem outras formas de diversão.

As inúmeras críticas que o Hospício havia recebido nos últimos anos, assim como os preceitos da Psiquiatria alemã

que guiaram boa parte das ações de Juliano Moreira, fizeram com que ele solicitasse a edificação de novos pavilhões: um destinado às crianças, um para os alienados que tinham doenças infecciosas e outro para os epiléticos - lembrando que homens e mulheres ficavam em pavilhões separados. O Hospício passou a contar também com uma usina de eletricidade, que garantia o funcionamento das atividades durante a noite.

Poucos dias depois de assumir o cargo, Juliano Moreira inaugurou o Pavilhão Bourneville, destinado à internação das crianças encaminhadas para a instituição, uma medida que foi muito bem vista, pois a convivência de meninos e meninas com adultos era tida como um dos mais preocupantes indícios de promiscuidade e falta de cuidado médico. Sob sua indicação, ninguém menos do que o pediatra Fernandes Figueiras se tornou o chefe da Seção de Pediatria, e, a partir de 1904, este implementou uma série de melhorias para as crianças que tinham alguma doença mental. No relatório feito como diretor interino do Hospício, Afrânio Peixoto destacou não só a compra de leitos apropriados para os infantes, mas também a construção de uma sala de ginástica e um espaço destinado ao ensino e aprendizagem dos pequenos.

Ainda seguindo os preceitos de Kraepelin, Juliano fez um grande investimento para que a técnica de clinoterapia fosse

implementada no Hospício, com intuito de que instituições desse tipo se assemelhassem cada vez mais aos hospitais. Tal técnica defendia que os banhos prolongados por horas e, em alguns casos, dias tinham a capacidade de relaxar os doentes mentais, inclusive nos momentos de surto. Para tanto, foram montadas salas que viabilizassem a realização desses banhos. A ideia por trás da clinoterapia era deixar os corpos dos alienados mais dóceis e, por isso, além dos longos banhos, os internos deveriam ficar em leitos, mesmo contra sua vontade.

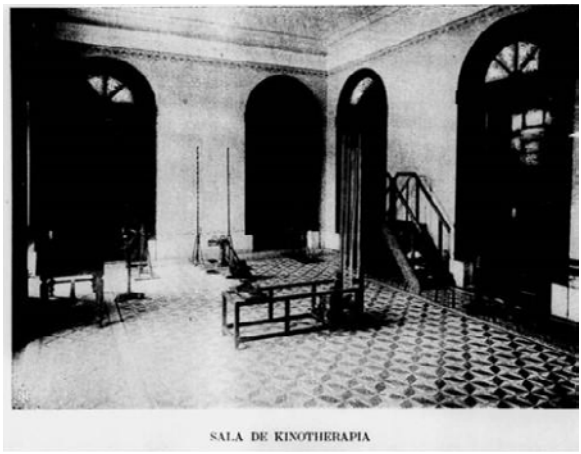


Figura 10 – Salas de Clinoterapia do Hospício Nacional (1905)
Fonte: Moreira (1905b)

Nota: Ambas as salas foram reformadas no início da gestão de Juliano Moreira no Hospício Nacional. Baseados nos estudos da Psiquiatria alemã, principalmente de Emil Kraepelin, banhos prolongados e repouso quase que absoluto passaram a fazer parte dos tratamentos dados aos alienados.

Outra importante decisão de Juliano Moreira que demonstrava sua linha psiquiátrica foi a efetivação de pavilhões destinados às oficinas. A ideia é que os internos realizassem serviços laborais como forma de tratamento, mas também como meio de ajudar no próprio funcionamento da instituição. No pavilhão Esquirol, destinado a mulheres indigentes, foi criada a oficina de costura, que atendia às demandas do Hospício. Tapeçaria e fabricação de flores também foram atividades executadas pelas internas; para os homens, foi criado o Pavilhão Seabra (em homenagem ao ministro), que possuía oficinas de carpintaria, marcenaria, sapataria, tipografia, pintura, ferraria, mecânica elétrica e bombeiro. Boa parte do que era aprendido nessas oficinas era empregada dentro do Hospício.

Infelizmente, Juliano não pôde acompanhar de perto o primeiro ano da reforma do Hospício, pois precisou viajar para cuidar da sua tuberculose, que havia se agravado. Em 1904, com licença concedida pelo governo, ele foi procurar especialistas na Europa. A piora do seu quadro durante a viagem o obrigou a ficar internado em um sanatório no Cairo, Egito. Ali, conheceu a enfermeira alemã Augusta Peick, por quem se apaixonou. Não se sabe ao certo em que data os dois se casaram. Mas Augusta Peick deixou sua vida no Velho Mundo para acompanhar Juliano Moreira de volta ao Brasil.

Figura 11 – Augusta Peick e Juliano Moreira em um passeio na cidade do Cairo, Egito (1904) / Fonte: Memorial Juliano Moreira

Como fazia com o restante de sua vida íntima, Juliano Moreira sempre foi muito reservado sobre sua vida afetiva. A única paixão sua que conhecemos antes de seu casamento foi a senhorita Honorina Minha, uma jovem negra, professora das primeiras letras, que vivia numa vila próxima a Cachoeira, na Bahia. Ao que tudo indica, a paixão por dona Honorina foi tamanha que fez com que Juliano se arriscasse como poeta. Mas nem isso foi o suficiente para convencer a jovem professora a lhe dar uma chance, quando ele ainda vivia em Salvador.

Após esta paixão juvenil, dona Augusta – como ficou conhecida – foi a única mulher conhecida na vida de Juliano. Embora ela o acompanhasse em inúmeros eventos científicos e sociais, bem como nas viagens internacionais, pouco se sabe sobre

o cotidiano de ambos. Alguns amigos mais próximos diziam que o casal tinha uma vida feliz, ainda que não tenham tido filhos. José Colares, em uma breve memória que fez em homenagem a Juliano Moreira, classificou dona Augusta como uma mulher "seca e germanicamente áspera, mas compreendendo e admirando Juliano, de quem foi esposa realmente dedicada"[14]. Nestas memórias, o mesmo foi um tanto irônico ao lembrar como, em eventos sociais, Juliano procurava "adocicar" a aspereza de sua esposa, dizendo com frequência: "Augusta, você não ouviu bem"[15] ou "Augusta, você ainda não conhece bem os segredos semânticos do nosso idioma, daí seu equívoco".[16]

Durante o período em que o psiquiatra esteve fora do Brasil cuidando de sua saúde, Afrânio Peixoto assumiu o cargo de diretor interino do Hospício, garantindo assim que o plano desenhado por aquele fosse executado. Ao retornar de sua viagem, Juliano também realizou algumas mudanças que, embora simples, tiveram grande importância simbólica: em primeiro lugar, para facilitar sua intensa vida de diretor, Juliano se mudou para uma pequena casa que ficava dentro do terreno do Hospício. Como consta no relatório enviado por Afrânio Peixoto

14 COLARES, J. *Retrato de Juliano Moreira*: conferência pronunciada na Academia Nacional de Medicina, por ocasião da comemoração do centenário de nascimento de Juliano Moreira promovida pela Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: APERJ, 1973, p. 2.

15 Ibidem.

16 Ibidem, p. 3.

para J.J. Seabra, a casa que ficava na Praia da Saudade também recebeu melhorias para que pudesse servir de morada ao novo diretor. Outra mudança feita pelo médico ainda no começo da sua gestão como diretor, e que dizia muito do seu caráter e da sua forma de compreender as funções do psiquiatra, foi abrir mão da ampla sala no primeiro andar, que havia sido usada por seus antecessores, para ocupar um cômodo menor, no piso térreo. A ideia era, uma vez mais, ficar mais próximo e também mais acessível para os doentes mentais. Esta atitude não passou despercebida: na sua segunda internação, em 1914, Lima Barreto ficou impressionado com a "naturalidade" com a qual foi atendido pelo diretor do Hospício em sua sala, a qual era sempre mantida com as portas abertas.

Doutor Juliano Moreira, um médico ilustre

A reforma do Hospício Nacional entre os anos de 1903 e 1905 foi o começo de uma longa relação que Juliano Moreira teve com a instituição. Por quase 30 anos, ele esteve à frente da entidade, implementando uma linha de tratamento psiquiátrico que, por um lado, seguia o modelo alemão e, por outro, atendia às exigências das políticas públicas higienistas que marcaram a Primeira República brasileira. No entanto, sua grande obra não parou com a conclusão das reformas arquitetônicas. Como já mencionado, para Juliano Moreira, não era possível conceber mudanças estruturais no tratamento aos doentes mentais se este movimento não levasse em conta o ensino e a pesquisa na área. Não por acaso, no mesmo ano de 1905, ele tirou do papel a ideia da Escola de Enfermagem e a colocou para funcionar. Depois das inúmeras denúncias de maus-tratos, era urgente formar um corpo técnico que tivesse o conhecimento

adequado para trabalhar cotidianamente com os alienados. Foi também no início da sua administração que Juliano Moreira montou uma equipe médica muito bem preparada: o Hospício Nacional contou com médicos do calibre de Fernandes Figueiras (pediatra), Antônio Austregésilo (neurologista), Álvaro Ramos (Ginecologista), Augusto Tavares (farmacêutico), R. Chapot (dentista) e J. Chardinal (oftalmologista).

Figura 12 – Juliano Moreira junto com o corpo clínico por ele escolhido para trabalhar na nova fase do Hospício Nacional de Alienados (1904)
Fonte: Memorial Juliano Moreira

No que diz respeito à Psiquiatria, Juliano Moreira contribuiu para a formação dos principais alienistas do país: homens como Afrânio Peixoto, Humberto Gotuzzo, Cláudio Sá Ferreira, Lucio Oliveira, Gustavo Riedel, Ernani Lopes, Ulisses Pernambuco, Ulisses Viana, Sampaio Correia, Maurício Medei-

ros, Carlos Penafiel, Heitor Carrilho, Hermelino Lopes e Odilon Galotti fizeram parte de uma espécie de "escola" criada por Juliano Moreira, que passou a ser visto como um verdadeiro mestre por todos esses importantes médicos da história brasileira.

A generosidade com a qual compartilhava seus conhecimentos médicos não foi a única característica que Juliano Moreira manteve desde seus tempos de juventude: assim como fizera quando era estudante e um jovem professor da Faculdade de Medicina da Bahia, agora como diretor da mais importante instituição de tratamento dos Alienados do país, ele continuou formando e fazendo parte de importantes associações e periódicos médicos.

Ainda em 1905, Juliano Moreira e Afrânio Peixoto fundaram os Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Sciencias Afins, periódico que se tornou referência nos estudos sobre Psiquiatria, pois publicou importantes artigos científicos da área, alguns deles de sua própria autoria. Três anos depois, o periódico passou a ser chamado Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, mostrando bem quais eram as áreas com as quais a Psiquiatria daquele período dialogava. Em 1907, o médico foi o fundador da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, associação da qual também foi presidente.

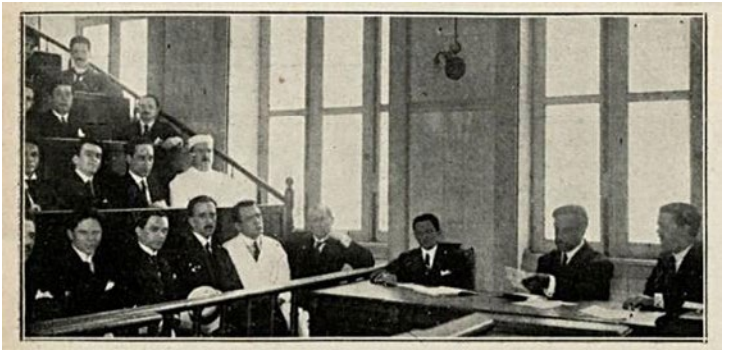


Figura 13 – Reunião comemorativa de aniversário da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal / Fonte: Fon-Fon. (22 nov. 1919)
Nota: Juliano Moreira é mais uma vez um dos membros da diretoria, junto com Heitor Carrilho.

A participação em congressos internacionais também continuou sendo uma atividade frequente, firmando seu nome como um dos mais importantes da Psiquiatria em todo o continente americano. No mesmo ano de 1907, Juliano Moreira participou, como presidente honorário, do II Congresso Internacional de Assistência aos Alienados em Milão, na Itália. Dois anos depois, foi o primeiro psiquiatra latino-americano a ser eleito pela Royal-Medico psychological Association de Londres como um dos seus 15 membros correspondentes. Sua importância no contexto americano foi mais uma vez reconhecida no ano seguinte, quando foi o único psiquiatra das Américas a ser mencionado e retratado, com fotografia e uma pequena biografia na Galeria de Psiquiatras proeminentes. Na ocasião ele teve um artigo publicado por um importante Seminário de Psiquiatria e Neurologia de Halle, na Alemanha. Ainda em 1910, teve um

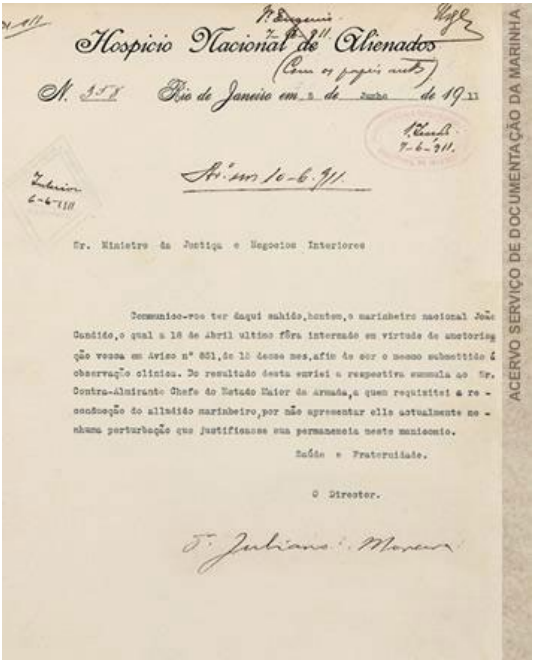
artigo seu sobre lepra em doentes apresentado em uma conferência na Noruega.

Sua competência acima da média fez com que Juliano continuasse sendo um dos mais (senão o mais) importantes nomes da Psiquiatria brasileira, mesmo depois do falecimento de J.J. Seabra e do fim do mandato do presidente Rodrigues Alves, de quem era visto como uma espécie de protegido. Tanto foi assim que, em 1911, além de diretor do Hospício Nacional, ele passou a ser também o diretor geral da Assistência aos Alienados, sem que isto significasse qualquer aumento salarial. Entretanto, seu novo cargo o colocava à frente das políticas públicas para os doentes mentais em uma outra escala. Não por acaso, no mesmo ano, em meio ao governo de Hermes da Fonseca, Juliano Moreira conseguiu garantir a construção da Colônia de Mulheres, localizada no Engenho de Dentro, no subúrbio carioca. Para lá, foram transferidas parte das mulheres indigentes que, até então, estavam no superlotado Pavilhão Esquirol do Hospício Nacional. Atualmente, a antiga Colônia de Mulheres abriga o Instituto Nise da Silveira, local em que está salvaguardada a Biblioteca de Juliano Moreira e boa parte da história da Psiquiatria do país.

Ainda em 1911, Juliano fundou o periódico Archivos Brasileiros de Medicina. Este ano também foi marcado por seu

encontro com um importante personagem da história brasileira. Como atesta o laudo abaixo, em junho daquele ano, na qualidade de diretor do Hospício Nacional, o médico atestava que João Cândido não era um doente mental e que, por isso, estava sendo reencaminhado para a Ilha das Cobras, depois de passar pouco mais de 50 dias sob os cuidados do psiquiatra. Líder de uma das mais importantes revoltas da história brasileira, a Revolta da Chibata (1910), João Cândido foi enviado para o Hospício no dia 4 de abril de 1911, após apresentar um quadro de psicose de exaustão. Ali, segundo seu próprio testemunho, "lhe foram dispensadas muitas gentilezas"[1], entre elas, a autorização de Juliano Moreira para que ele escrevesse *A Vida de João Cândido* ou o *Sonho de Liberdade*, sua autobiografia.

1 CÂNDIDO apud MOREL, M. No calor da revolta. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 44, p. 1-5, 6 mai. 2009.



Hospicio Nacional de Alienados

(Com os papeis antes)

N. 358 Rio de Janeiro em 8 de Junho de 1911

Av.º em 10-6-911.

Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores

Communico-vos ter daqui sahido, hontem, o marinheiro nacional João Candido, o qual a 18 de Abril ultimo fôra internado em virtude de anotoriação vossa em Aviso nº 851, de 15 desse mez, afim de ser o mesmo submettido á observação clinica. Do resultado desta enviei a respectiva summula ao Sr. Contra-Almirante Chefe do Estado Maior da Armada, a quem requisitei a reconducção do alludido marinheiro, por não apresentar elle actualmente nenhuma perturbação que justificasse sua permanencia neste manicomio.

Saúde e Fraternidade.

O Director.

Juliano Moreira

ACERVO SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA

Figura 14 – Documento (datado de 1911) no qual Juliano Moreira atesta que João Cândido não sofria de nenhuma doença mental
Fonte: Acervo Serviço de documentação da Marinha do Brasil

Ainda na condição de diretor geral da Assistência aos Alienados, Juliano Moreira foi responsável por importantes obras: a primeira delas foi a elaboração de um projeto, em 1919, que previa a construção de um hospital-colônia. Mais uma vez, o médico utilizava exemplos europeus – principalmente da Alemanha – para pensar em formas alternativas de tratar as doenças mentais, as quais previam a assistência familiar e a livre admissão do paciente. Para colocar em prática esse novo hospital de acordo

com os preceitos da Psiquiatria defendida por ele, o Estado brasileiro adquiriu um extenso território em Jacarepaguá (na época era considerado o sertão carioca) e ali construiu a colônia que foi inaugurada em 1921.

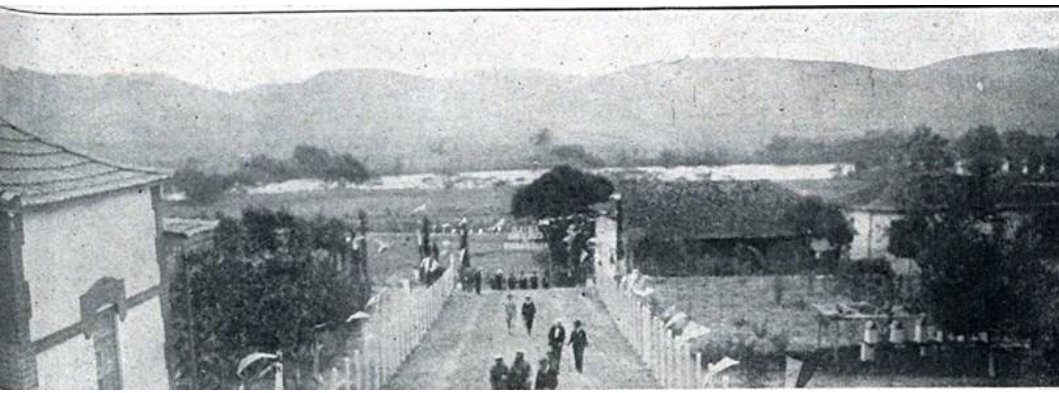


Figura 15 – Vista da janela de um dos edifícios da Colônia para Alienados de Vargem Alegre, em Jacarepaguá
Fonte: Fon-Fon (22 out. 1921)

Com o significativo aumento populacional e a manutenção de políticas públicas higienistas e intervencionistas, o número de pessoas consideradas doentes mentais cresceu muito na segunda década do século XX. Sendo assim, esse hospital-colônia iria receber os internos que estavam na Ilha do Governador e no próprio Hospício Nacional e teria capacidade de acolher outros homens que fossem acometidos por doenças mentais. No momento da inauguração, um dos pavilhões da colônia foi nomeado de Pavilhão Juliano Moreira, em homenagem ao ela-

borador da construção. Após 1933, todo o complexo de Jacarepaguá passou a ser chamado de Colônia Juliano Moreira, nome que persiste até os dias de hoje.

Figura 16 – Inauguração da Colônia de Alienados em Jacarepaguá
Fonte: Fon-Fon (22 out. 1921)

Nota: É possível observar Juliano Moreira em destaque no canto inferior esquerdo da foto em companhia de figuras ilustres, como o presidente do estado do Rio de Janeiro Raul de Moraes Veiga, o prefeito de Niterói Rodolpho Bocayuva Cunha e o chefe de polícia do Rio de Janeiro Eduardo Cotrim Filho.

Ainda em 1919, Juliano Moreira conseguiu a aprovação de mais um projeto que viria a somar forças na grande reforma que ele dirigiu na assistência aos alienados: o psiquiatra convenceu o presidente Epitácio Pessoa, por intermédio do ministro Alfredo Pinto, da necessidade de um manicômio destinado aos criminosos. Dois anos depois, em 1921, foi criado o primeiro manicômio judiciário do país, cuja direção ficou a cargo de Heitor Carrilho, um dos discípulos de Juliano Moreira. Sua

parceria com Carrilho durou ainda muitos anos, tanto que, em 1930, ambos fundaram os Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro.

A criação do local e a escolha de Heitor Carrilho como diretor da instituição demonstram a aproximação de Juliano Moreira à Psiquiatria forense. Para este, a defesa de uma medicina intervencionista não se limitava aos criminosos, mas deveria ser utilizada em prol da nação. Como bem lembrado por Ronaldo Jacobina, Juliano chegou a defender a Psiquiatria em práticas educativas, recrutamento de soldados e até mesmo na contratação de trabalhadores para as indústrias. Sua crença no higienismo também pode ser comprovada na colaboração feita com Gustavo Riedel, que resultou na criação da Liga Brasileira de Higiene Mental em 1923.

O bom trânsito político de Juliano nos anos em que esteve na direção do Hospício Nacional fez com ele tivesse um papel proeminente ao longo do mandato de nada menos do que nove presidentes brasileiros. Sua competência como médico era inquestionável, e sua receptividade no exterior era outra comprovação da sua excelência, não só como psiquiatra, mas também como pesquisador na área. Justamente por isso, o nome de Juliano Moreira transpôs os muros do Hospício Nacional e das Sociedades Científicas das quais ele fez parte e ganhou um

público mais amplo graças a muitas revistas e jornais que circulavam na capital federal.

Para o bem e para o mal, o nome Juliano Moreira se tornou sinônimo do tratamento à loucura no país. Diversas crônicas escritas nas décadas de 1910 e 1920 o mencionavam quando se referiam à necessidade de tratamento psiquiátrico "vá procurar Juliano Moreira"; "siga a sugestão de Juliano Moreira e meia dúzia de duchas frias"; "esse se arrisca a ser mandado para o Juliano Moreira", como veiculado no Jornal A Notícia. Em poucas ocasiões, seu nome aparecia em meio a críticas, como na reportagem em que ele foi comparado a Simão Bacamarte, personagem de Machado de Assis na obra O Alienista, o qual mandou internar praticamente toda a cidade, concluindo, por fim, que o único louco era ele próprio. Ao ser questionado a responder esta matéria, que claramente criticava seus métodos de avaliação psiquiátrica, o médico riu-se e achou que o jornalista que o comparou ao alienista de Machado de Assis devia ter razão.

Sua competência reconhecida também era frequentemente veiculada nesses periódicos; laboratórios farmacêuticos acionavam seu nome para garantir a qualidade dos produtos que vendiam. Assim foi, por exemplo, com a propaganda feita para a venda do medicamento Aluetina. No Jornal D. Quixote de 1920, é possível encontrar o seguinte anúncio:

> Chamamos a Atenção dos senhores clínicos, que não tiveram ainda ocasião de empregar a ALUETINA Werneck (soro mercurial indolor), no tratamento da avaria, para os resultados surpreendentes que têm obtido diversos clínicos desta capital e dos diversos Estados, dentre eles os senhores doutores: Miguel Couto, Abreu Fialho, Aloysio de Castro, Rocha Faria, Juliano Moreira.2

No início dos anos 1920, nesses mesmos jornais, era comum encontrar o rosto de Juliano (e de outros médicos respeitados do Rio de Janeiro) estampado nas propagandas de Biotônico Fontoura, medicamento nacional que se dizia eficaz na cura de todas as formas de anemia, fraquezas nervosas, além de ser uma forma de se precaver da tuberculose. Juliano Moreira dizia ter "prescrito a doentes meus e sempre que lhe acho indicação terapêutica"3.

2 D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, 7 jan. 1920.

3 O MALHO. Rio de Janeiro, 09 jul. 1921.

Figura 17 – Propaganda do Biotônico Fontoura, que circulou em diferentes jornais do Rio de Janeiro no início dos anos 1920
Fonte: O Malho (9 jul. 1921)

Segundo seus colegas, Juliano Moreira tinha verdadeiro amor pela música, comparável apenas pela sua dedicação à ciência médica. Ele e sua esposa realizavam saraus em sua casa, que ficava dentro do Hospício Nacional, na Praia da Saudade. Mais de uma vez os ilustres convidados – quase todos eles nomes proeminentes da classe médica – eram confundidos com

os pacientes do dr. Juliano Moreira, situação que acabava se tornando mais um motivo de risadas nas tertúlias promovidas pelo casal. Mesmo sendo conhecidos e frequentados por diferentes personagens da alta sociedade, é muito provável que a discrição, que marcou toda a vida de Juliano, tenha impedido que esses momentos fossem registrados por fotógrafos e jornalistas.

Como respeitável médico que era, diversos momentos de sua vida profissional foram noticiados nesses periódicos que davam conta da vida social no Rio de Janeiro. Os 20 anos à frente do Hospício Nacional, completados em 1923, foram amplamente comemorados e noticiados.

Figura 18 – Discurso do médico e professor Austregésilo em comemoração aos 20 anos de Juliano Moreira no comando da Diretoria do Hospício Nacional (1923)
Fonte: Fon-Fon (31 mar. 1923)

Figura 19 – Presentes no almoço de comemoração dos 20 anos do ilustre patrício Juliano Moreira como diretor do Hospício Nacional, no Jockey Club do Rio de Janeiro (1923)
Fonte: Fon-Fon (31 mar. 1923)

Outros feitos importantes da vida profissional de Juliano Moreira foram registrados pela imprensa carioca, demonstrando como ele se manteve, até o ano de 1930, um intelectual ativo e profundamente respeitado no cenário brasileiro, bem como pela comunidade científica internacional. Em 1925, por exemplo, seu rosto foi estampado na comemoração de aniversário do Hospício Nacional de Alienados. No mesmo ano, ele recebeu em seu consultório particular a visita de Santos Dumont. Ainda em 1925, no cargo de vice-presidente da Academia Brasileira de Ciência, Juliano Moreira recebeu no Rio de Janeiro ninguém menos do que o cientista alemão Albert Einstein, com quem conversou a respeito de algumas impressões sobre o tratamento dado aos doentes mentais no período da

visita do cientista ao Hospício Nacional. A visita foi mencionada na revista Almanaque Brasil, que destacou a crise de suor que Einstein teve depois de exagerar na pimenta durante o vatapá que Juliano Moreira lhe ofereceu em sua casa. Ele próprio teria escrito em seu diário ter visitado o "manicômio, cujo diretor é mulato e uma pessoa especialmente virtuosa"[4].

Figura 20 – Única fotografia que registra o encontro de Juliano Moreira com Albert Einstein (1925) / Fonte: Jornal do Brasil (6 mai. 1925, p. 1)

A recepção de outros intelectuais ou delegações científicas no Rio de Janeiro também foram pauta de alguns periódicos do Rio, demonstrando novamente o papel crucial que ele

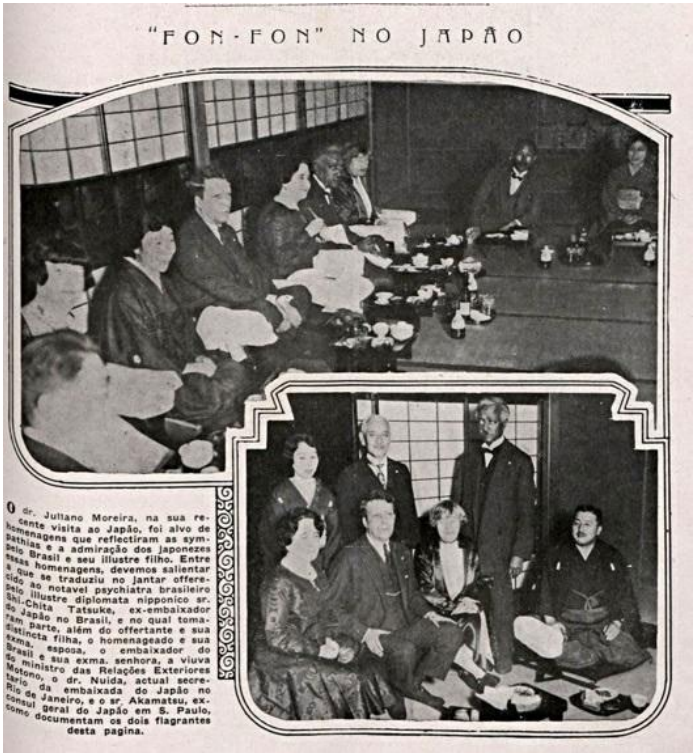
4 EINSTEIN, A. Diário de viagem: América do Sul (Argentina, Uruguai, Brasil) – 1925. In.: TOLMASQUIM, A. *Einstein:* o viajante da relatividade na América do Sul. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003, p. 198.

desempenhou em meio aos cientistas brasileiros e estrangeiros. Em 1926, Juliano Moreira e sua esposa fizeram parte dos convidados do jantar em homenagem ao ministro do Egito no famoso Hotel Glória. Dois anos depois, ambos estiveram na embaixada do Japão para tratar da sua visita ao país, para que o psiquiatra brasileiro fizesse uma série de conferências a convite da Faculdade de Medicina de Tóquio. O convite foi feito, em parte, pela defesa que Juliano Moreira fez da imigração japonesa para o Brasil. Na época, graças às políticas eugenistas, os japoneses não eram bem vistos por parte significativa da população brasileira, pois eram tidos como uma comunidade pouco aberta. Contrário à ideia da degeneração racial, conforme já foi apontado em outras ocasiões de sua vida, ele chegou a afirmar que "temer a imigração japonesa com receio de que não a assimilamos, é descrer na capacidade do brasileiro de incorporar o alienígena".[5]

A viagem aconteceu nesse mesmo ano no mês de julho. Juliano visitou diversas faculdades no Japão: Tóquio, Kyoto, Osaka, Fuoka, entre outras. Suas conferências foram tão bem recebidas que ele se tornou membro honorário das Sociedades Japonesas de Neurologia e Psiquiatria, e também recebeu a Ordem do Tesouro Sagrado do Imperador Hiroshito, a

5 MOREIRA, J. *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1935, p. 13.

maior honraria que um estrangeiro poderia receber no Japão. A experiência foi tão marcante que o médico acabou registrando-a no manuscrito Impressões de uma viagem ao Japão, em 1928, documento que foi postumamente publicado em 1935. Parte da viagem ao Japão foi registrada pelo Semanário Fon-Fon.


"FON-FON" NO JAPÃO

O dr. Juliano Moreira, na sua recente visita ao Japão, foi alvo de homenagens que reflectiram as sympathias e a admiração dos japonezes pelo Brasil e seu illustre filho. Entre essas homenagens, devemos salientar a que se traduziu no jantar offerecido ao notavel psychiatra brasileiro pelo illustre diplomata nipponico sr. Shi-Chita Tatsuke, ex-embaixador do Japão no Brasil, e no qual tomaram parte, além do offertante e sua distincta filha, o homenageado e sua exma. esposa, o embaixador do Brasil e sua exma. senhora, a viuva do ministro das Relações Exteriores Motono, o dr. Nuida, actual secretario da embaixada do Japão no Rio de Janeiro, e o sr. Akamatsu, ex-consul geral do Japão em S. Paulo, como documentam os dois flagrantes desta pagina.

Figura 21 – Juliano Moreira e Augusta Peick participaram de diversos jantares durante o período em que o psiquiatra visitou o Japão
Fonte: Fon-Fon (13 abr. 1929)

Nota: Alguns desses eventos foram registrados e publicados pela Revista Fon-Fon.

Em 1929, a convite da Universidade de Hamburgo, Juliano Moreira proferiu a conferência "Algo sobre as doenças nervosas e mentais no Brasil", palestra em que apresentou boa parte dos pressupostos que norteavam sua carreira profissional, inclusive sua crítica ao determinismo racial na manifestação dessas doenças. Assim como ocorreu no Japão, Juliano foi condecorado com a maior honraria dada a um estrangeiro: a Medalha de Ouro. Assim como ocorrera no ano anterior, sua viagem pôde ser acompanhada pelo público brasileiro graças à cobertura dada pelo Semanário Fon-Fon.

Figura 22 – Juliano Moreira em meio ao jantar promovido pela União brasileira - Hamburgo, Alemanha
Fonte: Fon-Fon (18 mai. 1929)

Como um homem que representou grande parte dos princípios e visão de mundo do período que ficou conhecido como Primeira República, Juliano Moreira foi aposentado compulsoriamente da direção do Hospício Nacional após a Revolução de 1930, um movimento que colocou fim às primeiras décadas da experiência republicana no Brasil por meio de um golpe de Estado. Isso também significou que o médico foi obrigado a mudar de casa, indo morar no bairro de Santa Tereza. Por algum tempo, manteve suas atividades, visitando pacientes particulares, alguns internados no Sanatório de Botafogo, e também participando das reuniões das Associações Científicas que ajudou a criar. No ano seguinte, também foi afastado da Liga Brasileira de Higiene Mental, instituição que, a partir de então, passou a adotar a noção de eugenia. Em outubro desse mesmo ano, ele teve uma grande piora na sua saúde com o agravamento de sua tuberculose.

Chegou a ser recebido por seu discípulo e amigo Gustavo Riedel em sua casa em Belo Horizonte. Em busca de melhores ares, o psiquiatra e sua esposa se mudaram para Correas, perto de Petrópolis, cidade na qual Juliano chegou a ser internado em um sanatório destinado a tuberculosos. Fraco e debilitado, faleceu no dia 2 de maio de 1833, aos 61 anos. Seu corpo foi embalsamado e levado para o Hospício Nacional, para que seus colegas, amigos e pacientes pudessem dar o último adeus.

Figura 23 – Saída do caixão de Juliano Moreira no Hospício Nacional (1933)
Fonte: Fon-Fon (13 mai. 1933)

Conhecido por sua genialidade, mas também por sua bondade, não foi por acaso que uma pequena multidão acompanhou o caixão de Juliano Moreira até o Cemitério São João Batista, local em que foi enterrado. De acordo com as palavras de José Leme Lopes, que esteve presente na despedida derradeira,

> numa manhã de maio de 1933, quem passasse pelas proximidades do cemitério São João Batista, veria dispersar-se uma pequena multidão. Homens sisudos falavam com voz velada e trocavam impressões graves, mas muitas e muitas pessoas, entre as quais algumas classes sociais mais pobres, negros e mestiços, tinham as faces vermelhas e os olhos molhados de lágrimas.
>
> Os transeuntes não sabiam que se extinguira um grande espírito, um homem que dedicara sua vida ao seu país e aos seus semelhantes, aos doentes mentais, que chegara

> ao sacrifício pessoal, do seu conforto e da saúde, mas deixara mais que a lembrança enternecida ou a admiração falaz, construíra uma obra imorredoura.[6]

A morte de Juliano Moreira também foi noticiada em periódicos brasileiros e internacionais. Em junho do mesmo ano, colegas, discípulos e amigos do médico se reuniram na Academia Brasileira de Ciência para prestar a devida homenagem àquele homem de "cabeça grande, bem modelada, com fronte ampla e órbitas salientes". Diferentes características de Juliano foram ressaltadas por homens como Afrânio Peixoto, Arthur Moses e Miguel Osório. E, mais uma vez, a genialidade e sua bondade, que chamaram a atenção de Lima Barreto quando este o conheceu no Hospício Nacional em 1914, foram as palavras mais utilizadas para definir o homem considerado pai da Psiquiatria brasileira. Henrique Roxo afirmou que seu colega era um "modelo de bondade"[7]; Afrânio Peixoto sublinhou que, entre os muitos princípios que guiaram a vida de seu mestre, o mais importante deles foi "sua inesgotável bondade"[8]. Um homem que mais ouvia do que falava, que sorria com a proximidade dos insanos, era tido como o terapeuta do afeto.

---

6 LOPES, J. L. Juliano Moreira. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. v. 13, n.1, 1964, p. 19

7 ROXO, H. Professor Juliano Moreira. I*mprensa Médica - Revista quinzenal de medicina e sciencias afins*, v. IX, n. 142, 5 mai. 1933, p. 1.

8 PEIXOTO, A. Juliano Moreira: em memória: ata da Sessão Ordinária de 23 de maio de 1933. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, tomo V, n. 2, jun. 1933, p. 90.

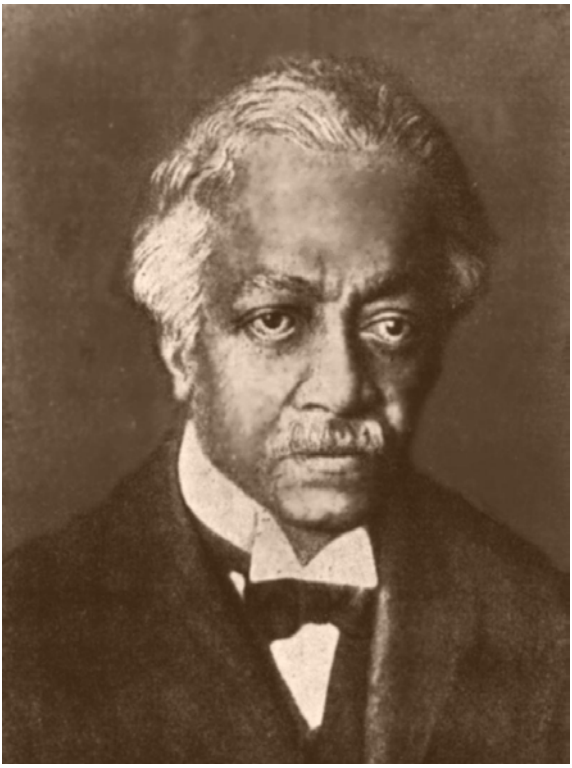


Figura 24 – Juliano Moreira, já senhor
Fonte: Annaes da Academia Brasileira de Ciencias (1933, v, 5, n. 2, p. 81).

Juliano Moreira: um homem excepcional

"As exceções confirmam a regra". Este ditado parece cair como uma luva para pensar na vida de Juliano Moreira e em como sua trajetória pode ser um interessante convite para revisitar a história do Brasil: o menino negro e pobre que conseguiu "vencer na vida" e se tornar um dos mais respeitados médicos em meio a uma sociedade marcada pela discriminação racial. E, de fato, não restam dúvidas quanto à sua excepcionalidade. A dedicação extremada que punha em tudo o que fazia garantiu uma excelência que quase inebriava aqueles que entravam em contato com sua trajetória tão singular.

Para quem está acostumado a estudar a história brasileira, sobretudo da Primeira República (1889-1930), com base na ótica "dos vencedores", é quase um alento encontrar um personagem que refez e ressignificou sua vida, mesmo estando do lado "dos vencidos". Ao contrário do que aconteceu com a maior parte

da população negra brasileira, Juliano viveu uma significativa mudança socioeconômica e foi reconhecido em vida como um dos nomes mais importantes da Psiquiatria e da classe científica. Esteve à frente da direção da Assistência aos Alienados durante o governo de nada menos do que nove presidentes brasileiros. Escreveu mais de cem artigos científicos, participou de dezenas de congressos no Brasil e no exterior, fundou e presidiu diversas associações científicas. Tudo isso moldado não só por seu bigode à la kaiser mas também pela bondade com a qual lidava com seus colegas, amigos, alunos e, sobretudo, com os doentes mentais.

Partindo da importância dos estudos das relações raciais no Brasil, a vida de Juliano Moreira não foi apenas uma anedota em meio a um país que, durante a Primeira República, tinha uma elite que acreditava nas teorias raciais e as defendia, apregoando a degeneração e os princípios da eugenia: ele foi um homem que ocupou espaços de poder, que foi responsável pela criação de uma série de políticas públicas que transformaram não só a vida daqueles que eram considerados loucos, como também o exercício dos médicos que se especializavam em Psiquiatria. Isso tudo sem baixar sua cabeça para o racismo que o rodeava e, sobretudo, discordando dos seus colegas que viam nos negros e nos mestiços as origens de todas as mazelas do Brasil. Juliano Moreira não era apenas excepcional: ele era extraordinário.

Entretanto, novamente, as exceções confirmam as regras. Seu nome e sua obra foram rememorados após sua morte: o Asilo São João de Deus em Salvador foi rebatizado como Hospital Juliano Moreira, o hospital-colônia em Jacarepaguá passou a ser chamado Colônia Juliano Moreira desde 1933, por exemplo; parte de seus escritos ainda são utilizados pelos estudantes de Psiquiatria nas faculdades do país, e também pelos historiadores que se debruçam na história das ciências. Todavia, não seria exagero afirmar que, para grande parte do público mais amplo, Juliano Moreira tenha se tornado um nome conhecido, embora não se saiba exatamente quem ele foi.

"Não saber exatamente quem ele foi". Infelizmente, esta é a regra da qual estamos falando. Uma regra que se repete em boa parte do Pós-Abolição, e que acompanha a vida de muitos homens e mulheres que emprestam seus nomes para túneis, ruas, avenidas e escolas brasileiras. Homens e mulheres que fizeram parte da história do Brasil, seja ela oficial ou oficiosa. Por isso, conhecer mais a história de Juliano Moreira não é apenas enaltecer a vida de um homem negro que conseguiu driblar as amarras do racismo e que comprovou, cientificamente, as falácias do mesmo, o qual certa vez quase o impediu de entrar em um congresso em que era o conferencista principal: conhecê-la é também conhecer os silêncios e as lacunas que acompanham

a forma de fazer história no Brasil. Entender que as narrativas que estão nos livros didáticos ou as que são ensinadas nos bancos escolares são feitas por meio de escolhas, as quais guardam outras tantas histórias e formas tortuosas de entender os significados e os alcances da população negra no país.

Conhecer Juliano Moreira, o homem negro genial e bom, é um bom convite para pensar e fazer uma outra história do Brasil.

Referências

BARRETO, L. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. *Diário do hospício e o cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca/Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1993.

_____. *Um longo sonho do futuro:* diários, carta, entreviostas e confissões dispersas. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

CARVALHAL, L. *A loucura e a sociedade:* o pensamento de Juliano Moreira (1903-1930). 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CORRÊA, M. *Nossos mulatos são mais exuberantes*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.4, p. 1099-1103, out./dez. 2008.

_____. *Raimundo Nina Rodrigues e a "garantia da ordem social"*. Revista USP, São Paulo, n. 68, p. 130-139, dez. 2005.

COSTA, J. F. *História da psiquiatria no Brasil:* um corte ideológico. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

DANTAS, C. V. O Brasil café com leite: debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na primeira república. *Revista Tempo*, Niterói, n. 26, p. 67-90, jun. 2009.

DOMINGUES, P. A "vênus negra": Josephine Baker e a modernidade afro-atlântica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 23, n.45, p. 95-124, jan./jul. 2010.

EINSTEIN, A. Diário de viagem: América do Sul (Argentina, Uruguai, Brasil) – 1925. In.: TOLMASQUIM, A. *Einstein:* o viajante da relatividade na América do Sul. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

ENGEL, M. G. *Os delírios da razão*: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830- 1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

_____. Os intelectuais e a liga de defesa nacional: entre a eugenia e o sanitarismo? (RJ, 1916-1933). *Intellèctus Revista Eletrônica*, v. XI, n.1, p. 1-30, 2012.

_____. *Psiquiatria, questão racial e identidade nacional no pensamento de Juliano Moreira*. Rio de Janeiro: s.d. 11 f. Digitado.

FACCHINETTI, C. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, p. 733-768, dez. 2010.

FREITAS, E. V. *Quem sai aos seus não degenera*: Juliano Moreira e a teoria abrasileirada da degenerescência social (1872-1933). 2018. Dissertação (Mestrado em Memória, Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

GANDELMAN, L. M. A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 8, n. 3, 2001.

GOMES, A. C.; ABREU, M. A nova "velha" república: um pouco de história e historiografia. *Revista Tempo*, Niterói, n. 26, p. 11-24, jun. 2009.

GUIMARÃES, A. S. Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

_____. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, M. R. C. *Civilizando as artes de curar:* chernoviz e os manuais de medicina popular do Império. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2016.

JACOBINA, R. R. *A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947)*. 2001. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.

_____. *Juliano Moreira da Bahia para o mundo:* a formação baiana do intelectual de múltiplos talentos (1872-1902). Salvador: EDUFBA, 2019.

_____; GELMAN, E. A. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1077-1097, out./dez. 2008.

_____. Nem clima nem raça: a visão médico-social do acadêmico Juliano Moreira sobre a sífilis maligna precoce. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 38, n. 2, p. 432-465, abr./jun. 2014.

LOPES, J. L. Juliano Moreira. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. v. 13, n.1, p. 13-19, 1964.

LOPES, N. Rebouças, Teodoro e Juliano: o gênio afro-brasileiro na ciência e na tecnologia. *Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 178-183, 1997.

LYRIO, A. *Juliano Moreira*: o terapeuta do afeto. Salvador: Edições Alba, 2012.

MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

MEMORIAL PROFESSOR JULIANO MOREIRA. *Juliano Moreira*: o mestre, a instituição. Salvador: [s.n.], 2007.

MOREL, M. No calor da revolta. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 44, p. 1-5, 6 mai. 2009.

MUÑOZ, P. F. N. *À luz do biológico*: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942). 2015. Tese (Doutorado em História da Ciência e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2015.

ODA, A. M. G. R.; Dalgalarrondo, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 22, n. 4, p. 178-179, 2000.

_____. A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira. *Psychiatry on line Brasil*, v. 6, n. 12, dez. 2001.

_____. Juliano Moreira: clima, raça, civilização e enfermidade mental. In: BAYARDO, S. J. V.; MALPICA, C. R.; LARA, J. G. (orgs.). *Antología de textos clásicos de la psiquiatría latino-americana*. Guadalajara: GLADET, 2011, p. 121-124.

OLIVEIRA, W. V. *A assistência a alienados na cidade do Rio de Janeiro (1852-1930)*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2017.

PORTOCARRERO, V. *Arquivos da loucura*: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

REIS, J. J. *Domingos Sodré, um sacerdote africano:* escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAMPAIO, G. R. *Nas trincheiras da cura*: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Campinas: EdUNICAMP, 2001.

SANTOS, R. P. *Manoel Bomfim e Juliano Moreira:* aproximações e oposições ao racismo científico na primeira república. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

SILVA, G.; ARAÚJO, M. Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas. In.: ROMÃO, J. *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília, MEC, 2005, p. 65-78.

VASCONCELLOS, M. F. *Mestre Juliano*: o fundador da Psiquiatria no Brasil. 1998. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria e Saúde Mental) – Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

VENANCIO, A. T. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 59-73, jul./dez. 2005.

_____. Doença mental, raça e sexualidade nas teorias psiquiátricas de Juliano Moreira. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 283-305, 2004.

_____. História do saber psiquiátrico no Brasil: ciência e assistência em debate. *História, Ciências, Saúde – Manguinho*s, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 1087-1093, set./ dez. 2003.

Fontes

CARNEIRO, P. D. *Relatório do diretor do serviço sanitário do Hospício Nacional de Alienados, Dr Pedro Dias Carneiro, Apresentado ao Diretor-Geral da Assistência Médico Legal de Alienados em Janeiro de 1901*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901.

CARRILHO, H. Professor Juliano Moreira. *Arquivos do Manicômio Judiciário*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 1-20, 1933.

COLARES, J. *Retrato de Juliano Moreira*: conferência pronunciada na Academia Nacional de Medicina, por ocasião da comemoração do centenário de nascimento de Juliano Moreira promovida pela Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: APERJ, 1973.

MOREIRA, J. *Etiologia da syphilis maligna precoce*. 1891. Tese (Doutoramento em Medicina) – Faculdade de Medicina de Bahia, Salvador, 1891.

_____. Endo-epidemia de Jacobina (1891.1892). Relatório Apresentado por Juliano Moreira. *Gazeta Médica da Bahia*, p. 508-512, 1893.

_____. Endo-epidemia de Jacobina (1891.1892). Relatório Apresentado por Juliano Moreira. *Gazeta Médica da Bahia*, p.159-168, 1894.

_____.; VIANNA, A.; FONTES, J. T. Assistência dos alienados da Bahia. Relatório. *Gazeta Médica da Bahia*, p. 14-44, 1895.

_____. *Discurso proferido pelo Dr. Juliano Moreira no acto de sua posse do lugar de Lente Substituto da 12a, secção da Faculdade de Medicina da Bahia em 9 de julho de 1896*. Salvador: Litho-Typo. e En. a vapor V. Oliveira & Companhia, 1896.

_____. Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 52-98, 1905a.

_____. *Relatorio apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil pelo Dr. J. J. Seabra Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores em março de 1905*. v. II – Directoria do Interior. Primeira Parte. Annexo E. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905b.

_____. As doenças mentais nos climas tropicais. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*. Rio de Janeiro, v. II, n. 3, p. 202, set. 1906.

_____. Querelantes e pseudo-querelantes. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*. Rio de Janeiro, v. II, n. 4, p. 426-434, 1908.

_____. Novos estudos sobre a etiologia da syphilis maligna precose. *Archivos Brasileiros de Medicina.* Rio de Janeiro, v. II, n. 1, fev. 1912.

_____. *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1935.

PEIXOTO, A. *Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. J.J. Seabra (1904-1905*). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

_____. Juliano Moreira: em memória: ata da Sessão Ordinária de 23 de maio de 1933. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, tomo V, n. 2, p. 81-97, jun. 1933.

ROQUETTE-PINTO, E. Discurso: à memória de Juliano Moreira. Fundador e presidente da Academia: ata de sessão ordinária de 23 de maior de 1933. *Annaes da Academia Brasileira de Sciencias*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 94-97, jan. 1933.

ROXO, H. Professor Juliano Moreira. *Imprensa Médica - Revista quinzenal de medicina e sciencias afins*, v. IX, n. 142, 5 mai. 1933.

SEABRA, J. J. *Assistência aos Alienados*. Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, pelo Sr. Dr. J.J. Seabra, Ministro de Estado e Justiça e Negócios Interiores. Março de 1904. Rio de Janeiro: Imprensa Sanciona, 1904, p. 323-337.

SIGAUD, J. F. X. Reflexões sobre o trânsito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. *Diário de Saúde*, Rio de Janeiro, p. 6-8, 1835.Relatórios do Ministério da Justiça – 1891, 1905.

Periódicos

A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 1903.

BAHIA ILUSTRADA. Salvador, 1917.

CORREIRO DA BAHIA. Salvador, 1895.

D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, 1920.

FON-FON. Rio de Janeiro, 1920, 1921, 1922, 1923, 1925, 1928, 1929, 1933.

GAZETA MÉDICA DE NOTÍCIAS. Salvador, 1872.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro,1902, 1925.

JORNAL LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, 1905

O MALHO. Rio de Janeiro, 1921.

Cronologia de Juliano Moreira

1872 – Nasceu Juliano Moreira em Salvador, Bahia.

1886 – Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia com 14 anos de idade.

1890 – Formou-se em Medicina e defendeu a Tese.

1896 – Foi aprovado como professor da Faculdade de Medicina da Bahia.

1899-1901 – Fez uma série de viagens para países europeus para participar de congressos e visitar clínicas psiquiátricas vinculadas a universidades.

1903 – Foi nomeado diretor do Hospício Nacional de Alienados e iniciou o processo de reforma na instituição.

1904 – Viajou para o Cairo para tratar sua tuberculose e conheceu a enfermeira Augusta Peick, com quem se casou.

1905 – Fundou junto com Afrânio Peixoto os Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Sciencias Afins.

1907 – Fundou a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e foi seu presidente.

1909 – Foi o primeiro psiquiatra latino-americano a ser eleito membro correspondente da Royal Medico-Psychological Association em Londres, Inglaterra.

1911 – Fundou os Archivos Brasileiros de Medicina com os médicos Gustavo Riedel, Antônio Austregésilo, Mário Pinheiro e Ernani Lopes.

1911 – Fundação da Colônia de Mulheres em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro.

1916 – Presidiu o I Congresso de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal no Rio de Janeiro.

1919 – Criação da Colônia para homens em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Após sua morte, a instituição passa a ser chamada de Colônia Juliano Moreira.

1921 – Criação do primeiro manicômio judicial do Brasil.

1923 – Comemoração solene dos 20 anos como diretor do Hospício Nacional dos Alienados.

1925 – Fez parte da comitiva de cientistas brasileiros que recebeu Albert Einstein no Rio de Janeiro.

1928 – A convite do governo japonês, Juliano viajou para o Japão, onde visitou uma série de universidades e instituições médicas. Foi condecorado pelo imperador do Japão com a Ordem do Tesouro Sagrado.

1929 – Foi eleito membro honorário de sociedades médicas de Berlim e Hamburgo, na Alemanha.

1930 - Fundou com Heitor Carrilho os Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro.

1930 – Foi aposentado e retirado de todas suas funções da Assistência aos Alienados.

1933 – Juliano Moreira faleceu no dia 2 de maio de 1933, na cidade de Correas RJ, em decorrência da tuberculose que havia contraído na juventude.

Lista de figuras

Figura 1– Vista parcial do porto de Salvador (1870)

Figura 2 – Juliano Moreira criança

Figura 3 – Recibo de matrícula de Juliano Moreira na Faculdade de Medicina da Bahia

Figura 4 – Tese apresentada por Juliano Moreira para obtenção do grau de médico em 1891

Figura 5 – Juliano Moreira

Figura 6 – Faculdade de Medicina da Bahia - Terreiro de Jesus, Salvador (c1896-1905?)

Figura 7 – Azylo São João de Deus - Bahia, (c1875)

Figura 8 – Juliano Moreira (quinto da esquerda para a direita) entre colegas de profissão (c1896-1902)

Figura 9 – Hospício Pedro II - Praia Vermelha (1856)

Figura 10 – Salas de Clinoterapia do Hospício Nacional (1905)

Figura 11 – Augusta Peick e Juliano Moreira em um passeio na cidade do Cairo, Egito (1904)

Figura 12 – Juliano Moreira junto com o corpo clínico por ele escolhido para trabalhar na nova fase do Hospício Nacional de Alienados (1904)

Figura 13 – Reunião comemorativa de aniversário da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal

Figura 14 – Documento (datado de 1911) no qual Juliano Moreira atesta que João Cândido não sofria de nenhuma doença mental

Figura 15 – Vista da janela de um dos edifícios da Colônia para Alienados de Vargem Alegre, em Jacarepaguá

Figura 16 – Inauguração da Colônia de Alienados em Jacarepaguá

Figura 17 – Propaganda do Biotônico Fontoura, que circulou em diferentes jornais do Rio de Janeiro no início dos anos 1920

Figura 18 – Discurso do médico e professor Austregésilo em comemoração aos 20 anos de Juliano Moreira no comando da Diretoria do Hospício Nacional (1923)

Figura 19 – Presentes no almoço de comemoração dos 20 anos do ilustre patrício Juliano Moreira como diretor do Hospício Nacional, no Jockey Club do Rio de Janeiro (1923)

Figura 20 - Única fotografia que registra o encontro de Juliano Moreira com Albert Einstein (1925)

Figura 21 – Juliano Moreira e Augusta Peick participaram de diversos jantares durante o período em que o psiquiatra visitou o Japão

Figura 22 – Juliano Moreira em meio ao jantar promovido pela União brasileira - Hamburgo, Alemanha

Figura 23 – Saída do caixão de Juliano Moreira no Hospício Nacional (1933)

Figura 24 – Juliano Moreira, já senhor

Anexo – Produção bibliográfica de Juliano Moreira

- "Eitologia da syphilis maligna precoce". 1891. Tese inaugural de doutoramento – Faculdade de Medicina, Salvador, Tipografia Liguori & C, 1891.

- "Musculo Acromio-clavicular". Brazil-Médico. Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 48, p. 377-379, 22 dez. 1893.

- "Pharyngismo tabetico". Brazil-Médico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno IX, n. 5, p. 33-36, 1 fev. 1894.

- "Endemo-epidemia da Jacobina pelo Dr. Juliano Moreira (continuação da pag. vol.)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXV, n. 1, p. 25-30, jul. 1894.

- "Endemo-epidemia da Jacobina (1891-1892) pelo Dr. Juliano Moreira (continuação da pag. 30)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVI, n. 2, p. 61-63, ago. 1894.

- "Pharyngismo tabetico". Gazeta Médica da Bahia, Bahia, anno XXVI, n. 5, p. 203-212, nov. 1894.

- "Endemo-epidemia da Jacobina (1) pelo Dr. Juliano Moreira (continuação da pag. 63)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVI, n. 6, p. 159-168, dez. 1894.

- "Existe na Bahia o botão de Biskra?". Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, Bahia, sessão de 30 de dez. 1894.

- "Existe na Bahia o botão de Biskra. Estudo clinico pelo Dr. Juliano Moreira". Gazeta Médica da Bahia, Bahia, anno XXVI, p. 254-258, fev. 1895.

- "Saturnismo e syphilis pelo Dr. Juliano Moreira". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVI, fev. 1895.

- "Distribuição geographica do Botão Endemico de paises quentes". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVI, p. 346-374, abr. 1895.

- "Casos de urticaria consecutiva ao emprego da santonina". Gazeta Médica da Bahia, Bahia, anno XXVI, n. 11, mai. 1895.

- "Saturnisme et Syphilis Maligne". Annales de Dermatologie et de Syphiligraphie, Paris, n. 6, jun. 1895.

- "Karl Ludwig, Karl Thiersch, Karl Vogt". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVI, n. 2, jun. 1895.

- "Hydroa vacciniforme seu aestivale". British Journal of Dermatologie, Londres, v. VII, n. 6,p. 175-178, june 1895.

- "Arsenical afections of the skin". British Journal of Dermatologie, Londres, v. VII, jun. 1895.

- "Assistencia dos alienados na Bahia. Relatório apresentado pelos Drs. Aurélio Vianna (relator), Tillemont Fontes e Juliano Moreira". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVII, n. 1, p. 14-16, jul. 1895.

- "Discussão sobre urticária consecutiva a santonima. Drs. Alfredo Britto, Figueiredo, Juliano e Deocleciano Ramos". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVII, n. 1, jul. 1895.

- "A syphilis no periodo de involução senil". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVII, n. 2, p. 61, ago. 1895.

- "A syphilis no periodo de involução senil". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVII, n. 3, p. 123, set. 1895.

- "Culpabilidade dos syphiliticos que se casam". Revista Medico-Legal, Bahia, anno I, n. 1, p. 36-41, set. 1895.

- "Le bouton endemique des pays chauds observé a Bahia". Journal des maladies cutanées et syphilitiques, Paris, n. 10, out. 1895.

- "Pasteur". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVII, n. 4, p. 159, out. 1895.

- "A typhose syphilitica – cura por injecções de calomelanos". Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, dez. 1895.

- "Farcinose Chronica terminada por mormo agudo". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVII, n. 6, p. 273, dez. 1895.

- "Casos de urticaria consecutiva ao emprego da santonina". Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, n. 4, 1895.

- "Farcinose Chronica terminada por mormo agudo". Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia, n. 11, 1895.

- "Karl Ladwig, Karl Tierch, Karl Vogl". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, 1895.

- "Caso de thyfose syphilitica, cura por injeções de calomelanos, cephalea tardia". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXVII, n. 7, p. 323-325, jan. 1896.

- "Dyskinesias arsenicaes (nova contribuição e estado actual da questão)". 1896. Tese (concurso para o lugar de lente substituto da 12a seção) – Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, Salvador, 17 abr. 1896.

- "Os reflexos tendinosos na phase post-paroxistica". Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, Bahia, jul. 1896.

- "Tendencias da Dermatologia hodierna". Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, Bahia, n. 2, 1896.

- "Klinische Bemerkungenüberden Bouton de Bahia". Monatschefte-für Dermatologie, ano XXII, n. 4, p. 198, 1896.

- "Dyskinesias arsenicaes: nova contribuição e estado actual da questão". Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, São Paulo, 1896.

- "O Serviço Médico Judiciário no Estado da Bahia". [Salvador]: [s.n.], 1896. (com Raymundo Nina Rodrigues e Carlos Chenaud).

- "Discurso proferido pelo Dr. Juliano Moreira no acto de sua posse do lugar de Lente Substituto da 12a, secção da Faculdade de Medicina da Bahia em 9 de julho de 1896". Salvador: Litho-Typo. e En. a vapor V. Oliveira & Companhia, 1896.

- "A alimentação pelo arroz e o beriberi perante a observação dos medicos holandeses". Gazeta Médica da Bahia, Bahia, anno XXX, n. 6, p. 241-250, dez. 1898.

- "Alfredo Antunes Kanthack, M. D. (professor de pathologia na Universidade de Cambridge). Traços biographicos pelo Dr. Juliano Moreira". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, ano XXX, n. 6, p. 277-280, dez. 1898.

- "Dr. Oscar Bulhões (Prof. da Faculdade do Rio de Janeiro)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, ano XXX, n. 6, p. 280-281, dez. 1898.

- "Prefácio". In: PEIXOTO, A. Epilepsia e crime. Salvador: V. Oliveira, 1898.

- "Os mosquitos e a malária". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXX, n. 7, p. 291-300, jan. 1899.

- "O prof. Manoel Bento de Souza (de Lisboa): traços biographicos pelo Dr. Juliano Moreira". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXX, n. 12, p. 574-577, jun. 1899.

- "A syphilis como factor de degeneração". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXI, n. 3, p. 112-125, set. 1899.

- "O methodo de Flechsig e a hyperexcitabilidade cortical nos epilépticos pelo Dr. Juliano Moreira (Fragmento de prelecção colhida em 1896 pelo Dr. Mariano da Rocha, então interno da clinica de moléstias nervosas e mentaes da Faculdade da Bahia)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXX, n. 8, p. 339-345, dez. 1899.

- "Ein neuer pathologisch–anatomischer und Klinischer Beitrag zur Kenntnis des Ainhums". Monatshefte für Praktische Dermatologie, Hamburg und Leipzig, band XXX, n. 1, p. 361- 367, jan. 1900.

- "Note sur une nouvelle medication contre la lepre". In: CONGRÈS DE MÉDECINE, 8., Paris. Anais... Paris, 1900.

- "O XIII Congresso Internacional de Medicina e Cirurgia reunido em Paris (noticia succinta) pelo Dr. Juliano Moreira". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXII, n. 7, p. 320-329, jan. 1901.

- "O IV Congresso Internacional de Dermatologia e Syphiligraphia (noticia succinta) pelo Dr. Juliano Moreira". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXII, n. 8, p. 343-350, fev. 1901.

- "As secções de psychiatria e neurologia do XIII Congresso de Medicina de Paris pelo Dr. Juliano Moreira". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXII, n. 10, p. 475-486, abr. 1901.

- "A diffusão da klinotherapia no tratamento das psychoses". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XV, n. 19, p. 179-183, 15 mai. 1901.

- "O trigésimo quinto anniversario da Gazeta". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXIII, n. 1, p. 1-3, jul. 1901.

- "O lugar das micklonias em neuropathologia (substituto de psichiatria e neuropathologia na Faculdade de Medicina da Bahia)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXIII, n. 1, p. 22- 34, jul. 1901.

- "A diffusão da klinotherapia no tratamento das psychoses (continuação)". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XV, n. 27, p. 261-265, 15 jul. 1901.

- "A diffusão da klinotherapia no tratamento das psychoses (conclusão)". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XV, n. 28, p. 271-274, 22 jul. 1901.

- "Klinotheraphia, diffusão de seu uso, sua technica e resultados no tratamento das psychoses". Rio de Janeiro: Tipografia Besnard Frères, 1901.

- "O lugar das micklonias em neuropathologia pelo Dr. Juliano Moreira (substituto de psichiatria e neuropathologia na Faculdade de Medicina da Bahia) (continuação da pag. 34)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXIII, n. 3, p. 101-112, set. 1901.

- "Rudolf Virchow (traços geraes de sua vida)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXIII, n. 4, p. 149-167, out. 1901.

- "O Professor Francisco de Castro". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXIII, n. 5, p. 201-205, nov. 1901.

- "A clinica psychiatrica e de moléstias nervosas da Universidade de Leipzig". Revista do Grêmio dos Internos dos Hospitaes, Bahia, Faculdade de Medicina da Bahia, v. 2, n. 1-2, p. 2-5, 16 jun./15 jul. 1901.

- "A clinica psychiatrica e de molestias nervosas na Universidade de Halle". Revista do Grêmio dos Internos dos Hospitaes, Bahia, Faculdade de Medicina da Bahia, v. 2, n. 7, p. 52- 55; p. 101-104; p. 111-115, set. /dez. 1901.

- "A clinica psychiatrica e de moléstias nervosas da Universidade de Leipzig". Revista do Grêmio dos Internos dos Hospitaes, Faculdade de Medicina da Bahia, p. 20-23, 1 dez. 1901.

- "Magnus Möller. Embolias pulmonares nas injecções de preparado mercuriaes insolúveis (Fortgesetzte Beobachtungen über Lungenembolie bei Injection von unlöslichen Quecksilberpräparaten). Archiv. f. Dermatologie und Syphilis 1901, p. 173". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXIII, n. 6, p. 286-288, dez. 1901.

- "Ossian Schanman. Ha qualquer relação genetica entre a appendicite e as neuroses geraes? (Sindirgendweise genetische Beziehungen zwischen den allgmeinen Neurosen und der Appendicitis denkbar?). Deutsche med. Woch. Vol. 26, nov. 1901". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXIII, n. 6, p. 288, dez. 1901.

- "Os recentes trabalhos portugueses sobre a moléstia do somno (Revista pelo Dr. Juliano Moreira)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, anno XXXIII, n. 7, p. 317-325, jan. 1902.

- "Bibliographia: Traité des affections venériennes par le professeur Edmond Lesser". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXIII, n. 7, p. 331-332, jan. 1902.

- "A imprensa medica nacional". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXIII, n. 7, p. 340-376, jan. 1902.

- "Necrologia. Professor Von Ziemssen". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXIII, n. 8, p. 377-379-484, fev. 1902.

- "Asylo-colonia de Alienados em Juquery (São Paulo)". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXIII, n. 9, p. 399-407, mar. 1902.

- "O asylo-colonia de Alienados em Juquery (S. Paulo)". Revista Medica de São Paulo, Jornal pratico de Medicina, Cirurgia e Hygiene, São Paulo, anno V, n. 11, p. 210-213, 15 jun. 1902.

- "A reforma dos estudos médicos na Allemanha". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXIII, n. 9, p. 434-438, mar. 1902.

- "A clinica psychiatrica e de molestias nervosas na Universidade de Würtzburgo". Revista do Grêmio dos Internos dos Hospitaes, Bahia, Faculdade de Medicina da Bahia, v. 3, p. 18-21, p. 40-43, 15 abr./ 15 mai. 1902.

- "Da necessidade da fundação de laboratorios nos hospitaes. Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXIII, n. 10, p. 439-450, abr. 1902.

- "Necrologia. Professor Moriz Kaposi". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXIII, n. 10, p. 481-484, abr. 1902.

- "5o Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia". Gazeta Medica da Bahia, Bahia, v. XXXV, n. 1, jul. 1902, p. 9-12.

- "A propósito do ainhum". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XVI, n. 31, p. 310-311, 15 ago. 1902.

- "Nova contribuição ao estudo dos reflexos tendinosos na phase post-paroxystica da epilepsia". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XVI, n. 42, p. 417-419, 8 nov. 1902.

- "A proposito de novos casos de Ainhum". Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 10, 1902.

- "Contribuição ao estudo da hematologia da lepra. Comunicação no V Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, 1903". Lepra Revista Internacional, 1903.

- "A paranóia e os syndromas paranoides". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XVIII, n. 19, p. 185-192, 15 mai. 1904 (com Júlio Afrânio Peixoto).

- "A paranóia e os syndromas paranoides (conclusão)". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XVIII, n. 24, p. 239-245, 22 jun. 1904. (com Julio Afrânio Peixoto).

- "A paranóia e os syndromas paranoides". Rio de Janeiro: Besnard, 1904 (com Júlio Afrânio Peixoto).

- "Contribuição ao estudo da bouba brasileira". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XVII, n. 26, p. 262-266, 8 jul. 1904 (com A. Austregésilo).

- "Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, Rio de Janeiro, 1904.

- "Demência paralytica (Paralysia geral)". Brazil-Medico, Rio de Janeiro, anno XIX, n. 6, p. 56, 8 fev. 1905.

- "Assistencia aos epilepticos – Colonias para eles". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 167-182, jul. 1905.

- "Classificação de moléstias mentaes do professor Emil Kraepelin". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 204-216, jul. 1905. (com Júlio Afrânio Peixoto)

- "Classificação de moléstias mentaes do professor Emil Kraepelin (continuação)". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano I, n. 3 e 4, p. 310-316, out. 1905. (com Júlio Afrânio Peixoto)

- "A paranóia e os syndromas paranoides". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 5-33, 1905. (com Júlio Afrânio Peixoto)

- "Noticia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 52-98, 1905.

- "Noticia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil pelo Dr. Juliano Moreira Director do Hospício Nacional de Alienados". In: SEABRA, J. J. Relatorio apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil pelo Dr. J. J. Seabra Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores em março de 1905, v. II – Directoria do Interior. Primeira Parte. Annexo E. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

- "Bibliographia. Esboço de Psychiatria Forense, pelo Dr. Franco da Rocha". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XIX, n. 15, p. 149, 15 abr. 1905.

- "Distribuição Geographica do botão endemico dos paizes quentes". Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia, abr.1905.

- "Reformen der Irrenfürsorge in Rio de Janeiro". Psychiatrische, Neurologische Wochenschrift, Berlim, n. 33, 1905.

- "Nothnagel, Karl Wernicke e John Sibbald". Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Rio de Janeiro, 1905.

- "Reformatorios para alcoolistas". In: ACTAS y trabajos. Buenos Aires: Imprenta y Casa de Coni Hermanos, 1905, p. 675.

- "Carta de Juliano Moreira ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores reclamando providências para remoção das colônias da Ilha do Governador, 12 de junho de 1905". [S.l.]: [s.n.], 1905.

- "Ligeiras notas a propósito da Assistencia familiar". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano II, n. 1, p. 25-29, jan. 1906.

- "Psychoses em leprosos". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano II, n. 1, p. 41-57, jan. 1906.

- "Nina Rodrigues: necrológico biobibliográfico". Archivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia, Rio de Janeiro, dez. 1906.

- "Les maladies mentales dans les climats tropicaux. Rapport par les docteurs Juliano Moreira et Afranio Peixoto. XV Congrès International de Médicine, Lisbonne, 1906". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 222-241, jan. 1906.

- "La paranoia légitime: son origine et nature. Rapport officiel au XV Congrès International de Médicine (Lisbonne, 19/26 Avril 1906)". Lisboa: [s.n.], 1906. (com Júlio Afrânio Peixoto).

- "L' assistence des alienées au Bresil". In: CONGRESS INTERNACIONAL DE L'ASSISTENCE DES ALIENÉES. Anais... Milão, [s.n.], 1906.

- "Contribution à l étude de l'ainhum". In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE MÉDICINE, XV., Lisboa,1906. Anais... Lisboa: [s.n.], 1906. (com A. Austregésilo)

- "A lei federal de assistência a alienados e a crítica do professor Nina Rodrigues". Brazil- Medico, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 23, p. 221-225, 15 jun. 1907.

- "A lei federal de assistência a alienados e a crítica do professor Nina Rodrigues (conclusão)". Brazil-Médico, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 24, p. 231-233, 22 jun. 1907.

- "A lei federal de Assistencia a Alienados e a crítica do prof. Nina Rodrigues". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano III, p. 3-77, 1907.

- "Assistencia a alienados no Pará e Rio Grande do Sul". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, p. 429-435, 1907.

- "Um caso de paranoia". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano III, n. 3-4, p. 377-387, 1907.

- "A contribution to the study of dementia paralytica in Brazil". Journal of Mental Science, Londres, n. 55, p. 507-521, jul. 1907 (com Antônio Carlos Pennafiel).

- "Gesetz uber Irrenfursorge in Brasilien". Psychiatrisch Wochenscrift, Berlim, p. 307, 1907.

- "A fundação do Instituto Internacional para o estudo da etiologia e prophylaxia das moléstias mentaes". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, ano III, n. 1, 1907.

- "Informe sobre o Congresso Internacional de Psiquiatria e Neurologia de Amsterdam (setembro de 1907)". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, Ano III, n. 3-4, p. 418-421, 1907.

- "Moléstias mentaes". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, Rio de Janeiro, anno III, n. 1, 1907.

- "Les origines plus eloigneés de la lépre au Bresil". Lepra Revista International, v. 7, n. 2, 1907.

- "Prof. Eduardo Ritzig". Archivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia, Rio de Janeiro, 1907.

- "Prof. J. Tillemont Fontes". Archivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia, Rio de Janeiro, 1907.

- "Ligeira vista sobre a evolução da assistência a alienados na Allemanha. A clínica psiquiátrica de Munique". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano IV, n. 1-2, p. 172-186, 1908.

- "O Instituto Internacional para o estudo das causas e da profilaxia das moléstias mentais". Arquivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano IV, n. 1- 2, 1908, p. 213-217.

- "Querelantes e pseudo-querelantes". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano IV, n. 1-2, p. 426-434, 1908.

- "Quaes os meios de assistencia mais convenientes aos alienados? Relatório apresentado ao Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada". Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1908.

- "Contribuição ao estudo do Ainhum". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XXII, n. 17, 1 mai. 1908.

- "Reformen der Irrenfürsorge in Rio de Janeiro". Buchdruckerei der Irrenanstalt, 1908.

- "Esboço sobre a evolução da medicina do Brasil". Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

- "Quaes os melhores meios de assistencia aos alienados? (trabalho do Dispensário Moncorvo): relatório apresentado ao IV Congresso Medico Latino-americano". Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

- "XVI Congresso Internacional de Medicina". Arquivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano IV, n. 1 e 2, p. 320-322, ago./set. 1909.

- "Progress of psychiatry in Brazil". Journal of Mental Science, Londres, jul. 1910.

- "Geisteskranheiten bei Leprakranken". In: INTERNATIONALE WISSENTSCHAFTLICHE LEPRA CONFERENZ, 1910. Annalen… Berger, [s.n.], 1910, p. 163.

- "Geitesstörung bei Leprakranken". Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie und psychisch-gerichtliche Medicin, Berlin, v. 6, p. 293, 1910.

- "Traços biographicos do Dr. J. F. da Silva Lima". Formulário practico do Brasil Médico. [S.l.]: [s.n.], 1910.

- "Carta ao Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores. [fundação de uma nova Colônia de Alienados]. 19 de outubro de 1910". [S.l]: [s.n.], 1910.

- "Apreciação do livro Elementos de Medicina Legal do Prof. Afrânio Peixoto". Archivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia, Rio de Janeiro, 1911.

- "Formas benignas de leprose nervosa". Archivos Brasileiros de Medicina, Rio de Janeiro, fev. 1911.

- "Delirio paranoide de longa duração". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano VIII, 1912.

- "Falsos testemunhos por desvios mentaes". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 1 e 2, p. 315-350, 1912.

- "O Progresso das sciencias no Brasil. Conferencia realizada a 24 de outubro de 1912 pelo Dr. Juliano Moreira". Annaes da Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro, v. 35, p. 32-47, 1913.

- "A new contribution to the study of dementia paralytica in Brazil". In: INTERNATIONAL CONGRESS OF MEDICINE, 17., Londres. Anais... Londres, 1913.

- "Maladies nerveuses et mentales au Brésil". Paris, 1913.

- "A secção de Psychiatria do Congresso Internacional de Medicina de Londres". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano IX, n. 3 e 4, p. 250, 1913.

- "III Congresso Internacional de Neurologia e Psychiatria". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano IX, n. 3 e 4, p. 267-276, 1913.

- "Necrologia: Professor Dr. Paul Näcke". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano IX, 1913.

- "Estados mentaes dos tuberculosos". Archivos Brasileiros de Medicina, Rio de Janeiro, ano III, fev. 1913.

- "Notes sur quelques maladies nerveuses et mentales au Brésil". In: INTERNATIONAL CONGRESS OF NEUROLOGY AND PSYCHIATRY, 3. Anais… Gand, 1913.

- "Die Allgemeine progressive Paralysebei Greisen". Zeitschrift fur gesante Neurologie und Psychiatrie, v. 18, n. 1, p. 187-194, dez. 1913 (com Ulisses Viana).

- "Irrenwesen in brasilien". In: BRESLER, J. Heil und Pflegeantalten fur Psychiskranke in Wort und Bild. Halle: [s.n.], 1914. v. 1.

- "Demencia Paralitica". Formulário do Brasil Médico, Rio de Janeiro, 1915.

- "Contribuição ao estudo da demencia paralitica no Rio de Janeiro especialmente no Hospital Nacional de Alienados". Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, 1916 (com Ulysses Machado Pereira Vianna Filho).

- "Primórdios e tendências da psiquiatria no Brasil. Discurso na Sessão solene inaugural do Primeiro Congresso Brasileiro de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, 23 a 26 de agosto de 1916". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE NEUROLOGIA, PSIQUIATRIA E MEDICINA LEGAL, 1. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 1916.

- "Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal". Arquivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, ano XI, n. 3, mai./jun. 1916.

- "Alzheimer e Perusini". Archivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia, Rio de Janeiro, v. 13, p. 82-88, 1917.

- "Dados sobre a psicologia objetiva dos índios brasileiros". Arquivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, v. XIII, 1917.

- "Oswaldo Cruz (1872-1917)". Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 1, p. 107-111, 1917.

- "Discurso". Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 2, p. 11-17, 1918. (Sessão Plena de 18 de setembro de 1917).

- "Discurso de saudação ao Prof. George Dumas. Seção de 17.11.1917. Archivos Brasileiros de Psychiatria e Neurologia, Rio de Janeiro, 1917.

- "Os iniciadores do estudo da medicina e da história natural no Brasil (W. Pies e G. Marcgrave): palavras ditas por Juliano Moreira, no acto de sua posse a 16 de outubro de 1917". Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917.

- "Marcgrave e piso". Revista do Museu Paulista, 16 out. 1917.

- "A seção de psiquiatria do Congresso de Medicina de Londres". Arquivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, anno IX, n. 3-4, 1918.

- "A Psychiatria e a Guerra. Conferência realizada no Clube Militar em 4-2-1918, sob os auspícios da Sociedade Medico-Cirúrgica Militar". Rio de Janeiro: [s.n.], 1918.

- "Silva Lima e a Gazeta Medica da Bahia: sua influência nos progressos da medicina no Brasil". Archivos Brasileiros de Medicina, Rio de Janeiro, v. 206, 1918.

- "Silva e Lima e a Gazeta Medica da Bahia (1866-1916)". Bahia Ilustrada, Bahia, v. 2, p. 1-3, 1918.

- "Classificações em Medicina Mental". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 93-115, jan./mar. 1919.

- "Factores hereditários em Psychiatria". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Rio de Janeiro, ano II, n. 1, p. 29-34, 1919.

- "Distúrbios psychicos no curso da influenza durante a última pandemia". Archivos Brasileiros de Medicina, Rio de Janeiro, ano IX, p. 283-305, 1919.

- "Distúrbios psychicos no curso de influenza durante a última pandemia". Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1919.

- "A pandemia grippal no Hospital Nacional e sua influencia no curso das doenças mentaes". Archivos Brasileiros de Medicina, Rio de Janeiro, ano IX, p. 310-321, 1919.

- "O pan-sexualismo na doutrina de Freud, pelo Prof. Franco da Rocha". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 23, 5 jun. 1920.

- "Discurso pronunciado pelo Dr. Juliano Moreira no acto do lançamento da pedra fundamental do Manicomio Judiciário e incluido no Boletim da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal por deliberação unanime tomada na 2a sessão ordinaria de 1920. Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, anno II, 1920.

- "O novo agrupamento nosographico das doenças mentaes do Prof. E. Kraepelin". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, ano III, p. 181-189, 1921.

- "Discurso proferido na inauguração do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro a 30 de abril de 1921". Archivos Brasileiros de Medicina, Rio de Janeiro, p. 92-95, 1921.

- "Benemérita campanha contra as intoxicações viciosas". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, ano III, p. 243-267, 1921.

- "Apreciação do Manual de Psiquiatria do Prof. Henrique Roxo". Archivos Brasileiros de Medicina, Rio de Janeiro, p. 286, 1921.

- "Kraepelin, Nissi, Spiemeyer, Plaut, Spatz, etc.: bibliografia". Arquivos Brasileiros de Medicina, Rio de Janeiro, p. 285, 1921.

- "As diretrizes da hygiene mental entre nós". Revista de Medicina e Hygiene Militar, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 1, p. 39, jan. 1922.

- "A luta contra as degenerações nervosas e mentaes". Brazil-Medico - Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, Rio de Janeiro, anno XXXVI, n. II, p. 225-226, 1922.

- "Pertubações nervosas e mentais no Brasil". In: CONFERÊNCIA DA SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA, 1922, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 1922.

- "Pertubações no decurso da sífilis". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA, 2., 1922. Anais... 1922.

- "Wundt e a psychologia experimental". In: ROQUETTE-PINTO, E. Conceito Actual da vida. Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro: Süssekind de Mendonça & Cia., 1922.

- "Prefacio". In: MEDEIROS E ALBUQUERQUE, J. J. C. C. O Hypnotismo. Rio de Janeiro: Liv. Ed. Leite Ribeiro, 1923, p. 31-33.

- "F. Gorphe: la critique dutémoignage". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, anno VI, n. 3-4, p. 137-139, 1924.

- "Memórias do Hospício de Juquery". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, anno VI, n. 3-4, p. 139-142, 1924.

- "A seleção individual de immigrantes no programa de hygiene mental". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 109-115, mar. 1925.

- "[Charcot]". Academia Nacional de Medicina. Sessão de 28 de maio de 1925. Boletim da Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, n. 7, 1925.

- "Prof. Emilio Kraepelin: sua vida e sua obra". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 4, p. 3-4, 1926.

- "Die nerven und Geistskrankheiten in den Tropen". In: MENSE, C. (org.) Handbuch der Tropenkrankheiten. [S.l]: [s.n.], 1926. n. 4.

- "Marcgrave e Piso: separata do tomo XVI". Revista do Museu Paulista, São Paulo, v. 4, 1926.

- "Psicologia do testemunho". Revista de Medicina e Higiene Militar, Rio de Janeiro, anno XV, n. 1, p. 2, jan. 1926.

- "Prof. Emilio Kraepelin". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, ano VIII, jul./dez. 1927.

- "Impaludismo na gênese dos distúrbios nervosos e mentais". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, mar. 1927.

- "O anniversario da fundação do Hospital Nacional de Psychopathas". Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia.; Livraria Francisco Alves, ano IX, n. 2-3, p. 129-131, abr./set. 1927.

- "Assistencia a psychopathas no Rio de Janeiro: livro de Ouro oferecido ao Prof. Cabred". Buenos Aires: [s.n.], 1927.

- "Vida e obra de Emil Kraepelin: expoentes da evolução das idéias na moderna psiquiatria". A Patologia Geral, jan. 1927.

- "Algo sobre doenças nervosas e mentais no Brasil". Revista Íbero-Americana, Hamburgo, n. 8, 1929.

- "As lues como factor dystrophiante". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Rio de Janeiro: [s.n.], ano II, n. 1, p. 3-7, out. 1929.

- "Reformatorio para alcoolistas". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, p. 61-63, nov. 1929.

- "As lues como factor dystrophiante". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Rio de Janeiro: [s.n.], ano II, n. 3, p. 116-119, dez. 1929.

- "Doenças familiares do sistema nervoso". In: FIGUEIRA F. Pediatria. [s.l.]: [s.n.], 1929.

- "Eignes über geisteverandungen waehrend des Verlufes der Lues in Rio de Janeiro". Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie, Berlin, v. 129, 1930.

- "Duas grandes perdas. Ekonomo e Jakob". Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria, Rio de Janeiro, anno XIV, n. 6, nov./dez. 1931.

- "Neuro-psychiatria". Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1931.

- "Qualidades necessarias a um enfermeiro de psychopatas". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Rio de Janeiro, ano VI, n. 2, p. 81-86, abr./jun. 1933.

- "Assistencia aos bebedores". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Rio de Janeiro, ano VI, n. 2, p. 123-126, abr./jun. 1933.

- "O uso de bebidas alcoolicas pelos indios (Interessante depoimento obtido pelo Professor Juliano Moreira do professor Max Schmidt)". Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Rio de Janeiro, ano VI, n. 2, p. 127-128, abr./jun. 1933.

- "Impressões de uma viagem ao Japão em 1928". Rio de Janeiro: Officinas Reginaldo Neustadt, 1935 (com Augusta Peick Moreira).

- "A Criança e o crime: conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa em 5 de maio de 1937". Cadernos da Seara Nova - Estudos Pedagógicos, Lisboa, Seara Nova, 1937.

- "O fator endocrinico e a continencia masculina". Arquivos Brasileiros de Hygiene Mental, Rio de Janeiro, ano XII, n. 1-2, jan./jun. 1939.

- "O Progresso das sciencias no Brasil: conferencia pronunciada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1912". Revista Siniátrica, Rio de Janeiro, n. 7-10, jul./dez. 1942.

- "Meralgie parestesique suivie de claudication intermittente douloureuse: Communication à la Société de Medicine de Paris". [S.l.: s.n., s.d.].

Formato: 14 x 21cm
Tipologia: Adobe Caslon Pro 11/18
Número de páginas: 164